



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A REPRESENTAÇÃO FAMILIAR DE CRIANÇAS QUE VIVENCIARAM O  
PROCESSO DE ADOÇÃO EM DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE FAMÍLIA**

Jéssika Rodrigues Alves

UBERABA-MG  
2018

Jéssika Rodrigues Alves

**A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Martha Franco Diniz Hueb

UBERABA-MG  
2018

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro**

A477r Alves, Jéssika Rodrigues  
A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de  
adoção em diferentes configurações de família / Jéssika Rodrigues Alves.  
-- 2018.  
122 f. : il., fig., tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)-- Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018  
Orientadora: Profa. Dra. Martha Franco Diniz Hueb

1. Adoção. 2. Crianças. 3. Família. I. Hueb, Martha Franco Diniz.  
II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 316.812.33

JÉSSIKA RODRIGUES ALVES

**A REPRESENTAÇÃO FAMILIAR DE CRIANÇAS QUE VIVENCIARAM O  
PROCESSO DE ADOÇÃO EM DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE FAMÍLIA**

Data da aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Membros Componentes da Banca Examinadora:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Martha Franco Diniz Hueb  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

**Membro Titular:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes  
Universidade de São Paulo

**Local:** Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

## **DEDICATÓRIA**

*Aos meus pais e também a todos que lutam, estudam e defendem a adoção,  
em especial, aos participantes deste estudo pela dedicação, disposição,  
carinho e desejo em propagar um tema tão lindo.*

## **AGRADECIMENTOS**

*“Tu orarás a Ele; e Ele te ouvirá” (Jó 22:27)*

A Deus que se faz presente em todos os momentos, guiando-me com sua luz.

*“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos” (Marcel Proust)*

À minha orientadora Profa. Dra. Martha Franco Diniz Hueb, pelo carinho, dedicação e orientação. Por acreditar e confiar em mim, por ser um exemplo de profissional e ética, por ser uma inspiração.

*“Para uma mente ampla, nada é pequeno” (Sherlock Holmes)*

Ao Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin e à Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes pelas generosas contribuições durante o exame de qualificação, as quais ampliaram meu olhar e enriqueceram meu trabalho.

*“Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si, é sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti” (Ana Vilela)*

Aos meus pais, Aguiar Isidoro Alves e Vera Lúcia Rodrigues Alves, por sonharem junto comigo, incentivando-me e permitindo que meus sonhos se tornem realidade. O amor por vocês não cabe em palavras.

*“Se ouvir uma voz dentro da escuridão, diminuindo a solidão... Lembre de mim” (Irmão Urso)*

Ao meu irmão, Raphael Rodrigues Alves, pela cumplicidade, lealdade e pela amizade mais pura e sincera por toda vida.

*“You show me good loving. Make it alright” (Maroon 5)*

Ao meu namorado, Eduardo Silvestre, pelo incentivo e companheirismo. Pela paciência nos momentos difíceis e pelo conteúdo nos momentos felizes.

*“E a coisa mais divina que há no mundo é viver cada segundo como nunca mais...” (Vinicius de Moraes)*

À memória de meus avós Irene, Antônio e Maria, por me ensinarem a sutileza do olhar, a pureza do amor.

*“Um verdadeiro herói não é medido pelo tamanho de sua força, mas pela força de seu coração” (Hércules)*

Aos meus tios, tias, primos, primas, cunhada e à minha madrinha Cleide, por se fazerem presentes em todos os momentos.

*“A vida é a arte do encontro” (Vinicius de Moraes)*

Às minhas amigas Marília, Luísa, Laura e Rafa – os presentes que a Psicologia trouxe para mim – pelos risos compartilhados, conversas afetuosas e momentos vividos.

*“Nada que vale a pena é fácil” (Nicholas Sparks)*

Ao Grupo Interinstitucional Pró-Adoção de Uberaba (GIPA) e ao Grupo de Apoio à Adoção de Uberaba (GRAAU) pelo acolhimento e ensinamentos. Por lutarem por um tema tão valioso: a adoção.

*“A flor que desabrocha na adversidade é a mais rara e bela de todas” (Mulan)*

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM) pela oportunidade de crescer, sentir e realizar.

*[...]*

*É saber se sentir infinito*

*Num universo tão vasto e bonito,*

*É saber sonhar.*

*E, então, fazer valer a pena cada verso*

*Daquele poema sobre acreditar.*

*Não é sobre chegar no topo do mundo*

*E saber que venceu.*

*É sobre escalar e sentir*

*Que o caminho te fortaleceu.*

*[...]*

Ana Vilela, Trem Bala



## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>10</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>11</b>
<b>Apresentação da Dissertação.....</b>	<b>12</b>
<b>Estudo 1.....</b>	<b>19</b>
Resumo.....	19
Introdução, justificativa e objetivo.....	20
Método.....	24
Resultados e Discussão.....	27
Considerações Finais.....	45
Referências.....	48
<b>Estudo 2.....</b>	<b>53</b>
Resumo.....	53
Introdução, justificativa e objetivo.....	54
Método.....	60
Resultados e Discussão.....	65
Considerações Finais.....	89
Referências.....	92
<b>Considerações Finais da Dissertação.....</b>	<b>98</b>
<b>Referências da Dissertação.....</b>	<b>103</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>112</b>
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Menores de Idade).....	113
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Majores de Idade).....	116
Apêndice C – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	119
<b>Anexos.....</b>	<b>120</b>
Anexo A – Artigo publicado (Estudo 1).....	121
Anexo B – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.....	122

## RESUMO

A família adotiva vem adquirindo maior visibilidade, e, com as mudanças nas configurações familiares, tornam-se múltiplas as possibilidades de adoção sob diferentes contextos. O objetivo desta Dissertação foi compreender a representação familiar e o amadurecimento emocional de crianças que vivenciaram o processo de adoção a partir do olhar da própria criança. Trata-se de dois estudos de abordagem qualitativa de pesquisa, sendo um estudo uma revisão integrativa da literatura científica e o outro, um estudo de caso coletivo, descritivo, exploratório e de corte transversal. Especificamente, o Estudo 1 teve por objetivo conhecer o que a literatura científica, ancorada na perspectiva winnicottiana, tem discutido sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção. As buscas foram realizadas nas bases LILACS, PePSIC e SciELO, no período de 2006 a 2016. Foram analisados, na íntegra, 16 artigos, a partir de critérios de inclusão/exclusão pré-estabelecidos. O perfil predominante foi de estudos de casos e estudos teóricos que abordam atendimentos clínicos realizados com indivíduos em processo de adoção ou que o vivenciaram, ligando aspectos da adoção aos conceitos da teoria winnicottiana. Os estudos apontam a importância das relações iniciais para o desenvolvimento emocional de uma pessoa, destacando a importância de um ambiente suficientemente bom, sendo que esse ambiente pode ser oferecido por uma família por adoção que compreenda a necessidade da criança conhecer sua história, e ofereça um ambiente seguro e acolhedor. Destaca-se a importância tanto da preparação dos postulantes à adoção como da criança que adentrará uma nova família. O Estudo 2 objetivou investigar a representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações familiares a partir do olhar da própria criança, além de avaliar o amadurecimento emocional destas. Participaram do estudo cinco crianças e seus respectivos pais por adoção. Utilizou-se para a coleta de dados com a criança, uma Sessão Lúdica, o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias e uma sessão para maior investigação/intervenção sobre os desenhos realizados; além de uma Entrevista Semiestruturada com o casal ou um dos responsáveis. Os dados obtidos foram analisados e interpretados segundo o método da livre inspeção do material a partir do processo compreensivo, sustentados na psicanálise winnicottiana. Destacou-se a importância de a criança conhecer e possuir abertura para conversar sobre sua história com seus responsáveis; sendo que, quando há um ambiente acolhedor e seguro e o oferecimento de um espaço terapêutico para a criança, que pode ser obtido na família por adoção, isso possibilita o amadurecimento emocional desta. Constatou-se também que a criança que se encontra há menos de dois anos na família ainda não se percebe pertencente ao grupo familiar, demonstrando, assim, ser esse um processo que vai se construindo ao longo do tempo, passando por diferentes fases. Por fim, constatou-se que a maioria das dificuldades observadas com as crianças não se encontrava ligados à forma como o casal que liderava a família se constituía, mas sim ao universo da adoção, sendo que, independente da configuração de família, a representação familiar estava ligada a forma como as crianças vivenciavam a família e as funções familiares.

**Palavras-chave:** Adoção. Crianças. Família.

## ABSTRACT

The adoptive family is becoming more visible, and with the changes in family settings, the possibilities of adoption under different contexts become multiple. The goal of this Dissertation was to understand the family representation and emotional development of children who experienced the adoption process, in order to know and discuss these points from the child's own perspective. They are two studies with a qualitative approach to research, one study being an integrative review of the scientific literature and the other a case study, descriptive, exploratory and cross-sectional. Specifically, Study 1 aimed to know what the scientific literature, anchored in the winnicottian perspective, has discussed about the emotional development of the child who experienced the adoption process. The searches were carried out at the LILACS, PePSIC and SciELO databases, from 2006 to 2016. Six articles were analyzed, based on pre-established inclusion/exclusion criteria. The predominant profile was case studies and theoretical studies that address clinical care performed with individuals in the process of adopting or experiencing the process, and connect aspects of adoption to the concepts of Winnicottian theory. The studies point out the importance of the initial relationships for the emotional development of a person, highlighting the importance of a good enough environment, and that this environment can be offered by a family by adoption that understands the child's need to know his/her history, and offer a safe and welcoming environment. The importance of both the preparation of the postulants for adoption and the child that will enter a new family is emphasized. Study 2 aimed to investigate the family representation of children who experienced the adoption process in different family contexts from the child's own perspective, as well as to evaluate their emotional development. Five children and their respective parents participated in the study by adoption. In order to collect data with the child, it was carried out three different procedures: a Play Session, the Family Drawings Procedure with Stories (DF-E) and a session of more investigation/intervention on the drawings. Besides these procedures, a semistructured interview with the couple or one of those responsible was done. The data obtained were analyzed and interpreted according to the method of free inspection of the material from the comprehension process, sustained in the winnicottian psychoanalysis. It was highlighted the importance of the child to know and have the opportunity to talk about their story with their parents and when there is a warm and safe environment and the offer of a therapeutic space for the child, which can be obtained in the family by adoption, this allows the emotional maturation of this family. It was also found that the child who is less than two years old in the family still does not feel as belonging to the family group, thus demonstrating that this is a process that is being built over time, going through different phases. Finally, it was found that most of the aspects perceived with the children were not related to the way the couple in the family was constituted, but to the universe of adoption, and regardless of the family configuration, a family representation was linked to the way the children lived the family and as family functions.

**Keywords:** Adoption. Children. Family.

## APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Quando adentrei o curso de Psicologia pude ter contato com diversos autores e teorias, sendo que muitos deles destacavam a importância da família para o desenvolvimento de um indivíduo, algo que, particularmente, chamou minha atenção e meu interesse. Faço parte de uma família extensa grande, com muitos tios, tias e primos e sempre acreditei que a família tinha um papel fundamental no desenvolvimento de uma pessoa, principalmente a família nuclear. Com a convivência com minha família ao longo de minha vida, pude perceber a modificação das configurações familiares ao longo das gerações: meus avós, que casaram muito jovens – adolescentes ainda – e tiveram 13 filhos (avós paternos) e seis filhos (avós maternos), constituíram configurações familiares diferentes da dos meus pais, que se casaram um pouco mais tarde – porém ainda jovens – e tiveram apenas dois filhos. Contudo, mesmo esta configuração já se diferencia do que vejo hoje em minha geração, com primos, amigos e conhecidos. Muitos optam por não casar ou casam-se mais tardiamente quando comparados à geração passada, além de muitos que optam por não ter filhos, dentre outras diversas configurações. Importante realçar que o declínio do casamento e das taxas de natalidade ao longo dos anos está fortemente atrelada a fenômenos sociais em diferentes lugares do mundo. Em mais de dois terços das famílias nos Estados Unidos ambos os genitores trabalham, as aspirações femininas, as pressões econômicas, entre outros aspectos incorporaram as mães ao mercado de trabalho. Dessa forma, a gravidez é gradativamente adiada, principalmente em mulheres com altos níveis de escolaridade e que possuem uma carreira profissional (Walsh, 2016).

Nesse sentido, ao longo de minha formação fui me interessando por conhecer e pesquisar famílias, focando principalmente em crianças. Meu primeiro contato com a adoção se deu em

uma iniciação científica que realizei com colegas, na qual a ideia da pesquisa surgiu de um trabalho prático que havíamos feito em uma escola, quando a inspetora do colégio repreendeu um adolescente por conversar conosco e disse-nos que ele “era daquele jeito por ser da Casa Lar”. Essas palavras nos marcaram profundamente, sendo o motivo de nossa escolha por investigar a inclusão escolar de crianças institucionalizadas. Na pesquisa tivemos contato com algumas crianças institucionalizadas e lembro-me que chamou minha atenção como essas crianças não compreendiam o motivo de estarem ali e muitas vezes se culpavam por viverem longe de suas famílias. Desse momento em diante passei a me interessar pelo universo da institucionalização e da adoção, focando não nos pais ou pretendentes à adoção, mas sim na criança, que muitas vezes passa por situações dolorosas, de negligência, em sua família consanguínea, vindo, então, a ser retirada e acolhida em uma instituição até, quando colocada para adoção, encontrar uma nova família.

Cada vez mais o desejo por conhecer, investigar e trabalhar com o tema “adoção” foi aumentando. Passei a ser integrante do Grupo-Interinstitucional Pró-Adoção de Uberaba (GIPA), coordenei, até o presente momento, duas oficinas preparatórias para postulantes à adoção; participei do Grupo de estudos sobre adoção: uma compreensão Psicossocial, coordenado pela Professora Dr.<sup>a</sup> Martha Franco Diniz Hueb; aprofundei sobre o tema, publiquei um capítulo de livro sobre a devolução de crianças adotadas<sup>1</sup>; conheci histórias de pessoas que adotaram e pessoas que desejam adotar e vivi em minha família extensa o processo de adoção de um primo. Tudo isso, somado ao interesse que sempre tive por estudar famílias e crianças, fazia eu me encantar e me interessar cada vez mais pela adoção, uma modalidade de se fundar uma família que vinha ganhando espaço e vencendo preconceitos na atualidade.

---

<sup>1</sup> Alves, J. R. & Hueb, M. F. D. (2017). Devolução de crianças e adolescentes no processo de adoção: um ensaio teórico (pp. 133-148). In: C. A. Chapadeiro, C. A. Serralha; & M. F. D. Hueb (Orgs.). *Questões de Família*. Curitiba: CRV.

Nesse sentido, surgiu o desejo de voltar o olhar para as crianças que vivenciaram o processo de adoção; crianças essas que sobreviveram a tantas situações diversificadas em suas vidas, como negligências, abandonos, colocação em família substituta, entre outras. A vontade de investigar a adoção pelo olhar delas, ouvi-las, conhecer suas histórias, desejos e sentimentos, se fez mais forte. Somados a isso, o desejo de pesquisar os diversos contextos familiares que também estão presentes na família por adoção, deram origem a esta Dissertação.

O que tem se falado/estudado sobre a adoção nas diversas configurações familiares existentes nos dias atuais? Como as crianças enxergam o seu próprio processo de adoção? E como elas enxergam quando são adotadas por duas mães ou por dois pais? Qual a representação familiar que elas possuem tendo tido a princípio uma família e depois tendo adentrado em outra? Como é a relação delas com a família por adoção? E seu amadurecimento emocional? Todas essas perguntas me motivaram a pesquisar sobre o tema desta Dissertação e poder compartilhar esses conhecimentos com quem também se interessa pelo universo tão rico e belo da adoção.

Nesse sentido, percebi que este trabalho além de ser uma investigação científica revela-se como possibilidade de entrar em contato com um tema que vem ganhando cada vez mais espaço não só na sociedade, mas também na comunidade acadêmica: a adoção e as diversas formas de ser família. E ainda poder investigar esse tema pelo olhar da figura mais importante nesse contexto, a criança que vivencia a adoção e adentra um novo lar, uma nova família; oferecendo assim, um espaço para que essa criança possa tomar um lugar ativo e falar de sua própria história.

Finalmente a ideia desta Dissertação de Mestrado é compreender a representação familiar e o amadurecimento emocional de crianças que vivenciaram o processo de adoção, no intuito de conhecer e discutir esses pontos a partir do olhar da própria criança que viveu esse processo. Para tanto, neste trabalho, o leitor encontrará dois estudos.

O Estudo 1, foi desenvolvido no propósito de explorar e conhecer as publicações pertinentes à compreensão sobre o que a literatura dos últimos 10 anos, ancorada na perspectiva winnicottiana, tem discutido sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção, o qual trata de uma Revisão Integrativa da Literatura Científica que foi realizada em maio de 2016. O artigo intitulado “Desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo: Revisão integrativa da literatura” teve a contribuição, além da pesquisadora e orientadora desse estudo, do Professor Dr. Fabio Scorsolini-Comin, também pesquisador na área da adoção, e que coordenou a disciplina “Produção do Conhecimento Científico”, por meio da qual orientava as diferentes formas de revisão da literatura. O artigo submetido ao periódico “Contextos Clínicos” foi publicado em dezembro de 2017 (Anexo A). Este estudo contribuiu para mapearmos estudos nacionais e internacionais sobre o tema, além de também ter contribuído no delineamento do que buscaríamos no estudo empírico que seria desenvolvido para esta Dissertação. Ao realizar a Revisão Integrativa da Literatura foi surpreendente e interessante observar que apesar de Winnicott, autor psicanalítico de grande renome, ter pesquisado e desenvolvido estudos sobre o amadurecimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo, são poucas as pesquisas atuais que investigam e/ou retomam o tema do desenvolvimento emocional no filho por adoção, dentro da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, o qual será um dos focos de atenção deste trabalho. Contudo, importante salientar que muitas são as pesquisas realizadas sobre adoção que tratam sobre o tema a partir de outras vertentes, como a social, o que pode estar associado aos poucos estudos encontrados sobre a teoria winnicottiana na Revisão de Literatura realizada.

A realização da pesquisa empírica, Estudo 2 desta Dissertação, ocorreu a partir de contatos com o Grupo de Apoio à Adoção de uma cidade no interior de Minas Gerais. Com a intenção de investigar a representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção

em diferentes configurações familiares a partir do olhar da própria criança, além de avaliar o amadurecimento emocional dessas crianças, optamos por buscar famílias formadas por casais em diversos contextos. O primeiro contato com os participantes foi por telefone a fim de convidá-los para a pesquisa, partindo posteriormente para o contato pessoal onde o estudo era apresentado. Nesse processo, utilizando-se da técnica da “bola de neve”, os demais pais e mães foram sendo convidados. As entrevistas com o casal de pais ou um dos membros do casal (que ocorria quando não era possível que os dois membros participassem da pesquisa) aconteceram no primeiro encontro, após o estudo ser apresentado e eles consentirem com a participação. Já a Sessão Lúdica, a aplicação do Procedimento Desenhos de Família com Estórias (DF-E) e a realização do terceiro encontro com a criança participante aconteceram em datas e horários acordados com os responsáveis pela criança; sendo que toda a coleta ocorreu em locais reservados, na maioria das vezes em uma sala privativa de uma Clínica Escola de Psicologia e, em um caso, na residência de uma família participante que morava em outro município, levando-me a deslocar até essa cidade. Importante destacar que todas as famílias convidadas a participar da pesquisa, a princípio, consentiram de imediato em colaborar, porém com um dos casais, como já mencionado, se deu de forma diferente: somente um membro compareceu ao primeiro encontro/entrevista agendado, fato que será abordado na seção de resultados e discussão desse estudo. A coleta teve duração de sete meses, tendo sido iniciada em dezembro de 2016 e finalizada em julho de 2017.

A princípio, a ideia inicial era investigar duas diferentes configurações familiares: famílias constituídas por casais do mesmo sexo e famílias constituídas por casais de sexo diferente<sup>2</sup>. Porém foi observado que, mesmo focando inicialmente em apenas duas formações familiares, os contextos familiares encontrados seriam diversos, visto que cada família assume de

---

<sup>2</sup> Neste estudo, a exemplo do estudo de Lira, Morais e Boris (2015) e Cecílio (2017), será usada a expressão “famílias constituídas/lideradas por casais do mesmo sexo”, que abrange gays, lésbicas e bissexuais. E “famílias constituídas/lideradas por casais de sexo diferente” abrangendo heterossexuais.



forma única as funções familiares. Ademais também se constatou, na região onde a pesquisa foi realizada, que são poucas as famílias constituídas por casais do mesmo sexo que já possuem filhos por adoção, filhos estes que tenham sido adotados pelo casal e não somente por um dos membros, visto que por um tempo esse público utilizou desse e de outros subterfúgios para conseguir realizar o projeto da parentalidade. A grande maioria dos casais do mesmo sexo nas Comarcas onde se desenvolveu o estudo são, atualmente, postulantes à adoção, ou seja, encontram-se na fila, à espera de uma criança/adolescente, não tendo concretizado a adoção ainda.

Como pudemos observar durante a coleta de dados, apesar das diferentes configurações familiares investigadas nesta pesquisa – família constituída por casal de sexo diferente que já possuíam um filho consanguíneo e realizou uma adoção, outra família constituída por casal de sexo diferente que também possuíam um filho consanguíneo e realizaram a adoção de duas irmãs e uma família constituída por casal do mesmo sexo que realizaram a adoção de duas crianças separadamente – a retirada da família consanguínea e a colocação em uma nova família é sempre um momento marcante para a criança, que imprime grandes mudanças e dificuldades tanto à vida desta quanto à da família que a recebe. As crianças que vivenciam o processo adotivo trazem marcas de vivências anteriores, necessitando falar sobre a família de origem e muitas vezes até desejando revê-la, podendo retomar sua história de vida.

Na presente Dissertação, vale destacar que a ideia não foi comparar estruturas familiares dos participantes, mas compreender essas estruturas a partir do olhar da criança que a adentra, além de poder conhecer um pouco de seu amadurecimento emocional dentro do lar que a acolheu. E apesar de termos focado em duas configurações familiares a início, como já citado, o que prevaleceu, e poderá ser verificado com maiores detalhes nos Resultados e Discussão do Estudo 2, foi a forma como cada família se mostrou única, afetando, assim, a representação

familiar de cada criança – que sofre influencia da família consanguínea, por adoção e extensa, assim como da sociedade e da mídia –, porém todas as famílias mostraram-se acolhedoras e capazes de oferecer um ambiente seguro e amoroso para o desenvolvimento das crianças.

Visando, então, compreender a representação familiar e o amadurecimento emocional, a psicanálise winnicottiana foi escolhida como referencial teórico, permitindo um olhar abrangente sobre a criança e sua família. Já a livre inspeção do material permitiu buscarmos compreender a história da criança a partir de seu olhar, somada as informações colhidas com os pais/mães durante a entrevista. Por fim, o terceiro encontro com a criança, possibilitou maiores investigações sobre o DF-E além da realização de intervenções pela pesquisadora, visando dar uma devolutiva à criança ao longo do processo de coleta de dados – buscando que não seja oferecida uma devolução da pesquisa somente para os responsáveis ao final do estudo – tomando assim, mais uma vez, a criança como um sujeito ativo.-

Ao final desta Dissertação, são apresentadas as considerações finais, nas quais se aponta os principais ganhos deste trabalho, e destacam-se reflexões, pensamentos e construções que foram possíveis ser criadas com os estudos realizados.

## **ESTUDO 1**

### **Desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo: Uma revisão integrativa<sup>3</sup>**

#### **Emotional development of adopted children: One integrative revision**

#### **Resumo**

Este estudo de revisão integrativa teve por objetivo conhecer o que a literatura científica, ancorada na perspectiva winnicottiana, tem discutido sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção. As buscas foram realizadas nas bases LILACS, PePSIC e SciELO, no período de janeiro 2006 a maio de 2016. Foram localizados e analisados, na íntegra, 16 artigos, a partir de critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. O perfil predominante é de estudos de casos e estudos teóricos que trazem atendimentos clínicos realizados com indivíduos em processo de adoção ou que vivenciaram o processo, e ligam aspectos da adoção aos conceitos da teoria winnicottiana. Os estudos apontam a importância das relações iniciais na vida de uma pessoa para seu desenvolvimento emocional, destacando a grande valia de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento emocional da criança, sendo que esse ambiente pode ser oferecido por uma família por adoção que a respeite, compreenda seus sentimentos e a necessidade de ela saber de sua história, e consiga oferecer um ambiente seguro e acolhedor. Destaca-se também a importância da preparação dos postulantes a adoção para receber um novo membro, assim como da relevância da preparação da criança para adentrar uma nova família.

**Palavras-chave:** Adoção, crianças, desenvolvimento emocional.

---

<sup>3</sup> Autores: Jéssika Rodrigues Alves, Martha Franco Diniz Hueb e Fabio Scorsolini-Comin. Artigo aprovado e publicado no periódico intitulado Contextos Clínicos.

### **Abstract**

This study of integrative review of scientific literature aimed to know what the scientific literature of the last ten years, anchored in the Winnicott's perspective, have discussed about the emotional development of the adopted child. The searches were carried out in LILACS, SciELO and PePSIC in the period January 2006 to May 2016. Were located and analyzed, in full, 16 papers, from pre-established inclusion and exclusion criteria. The predominant profile is case studies and theoretical studies that bring clinical care performed with individuals in adoption process or through the process, and linking aspects of adopting in the concepts of Winnicott's theory. The studies point to the importance of early relationships in the life of a person to their emotional development, it highlights the importance of a good enough environment for the emotional development of children, and this environment can be provided by a foster family that respects, understands your feelings and her need to know its history, and can provide a safe and welcoming environment. It also highlights the importance of preparation of candidates to adopt to get a new member and the relevance of preparing the child to enter a new family.

**Keywords:** Adoption, children, emotional development.

Algumas famílias apresentam dificuldades em oferecer cuidados, proteção e apoio necessários à criança, levando, algumas vezes, a abandonarem seus filhos ou, ainda, a serem negligentes e oferecerem riscos a essas crianças, podendo levá-las ao acolhimento institucional (Lauz & Borges, 2013). O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990) apresenta como funções da família, do Estado e da sociedade assegurarem à criança e ao adolescente diversos direitos – como à vida, saúde, educação, alimentação, lazer, entre outros. Quando a família falha nessas funções e a criança ou adolescente veem seus direitos ameaçados ou violados, o ECA prevê o acolhimento.

A lei 12.010, de 2009, também conhecida como “Nova Lei da Adoção”, ressalta a prioridade dada à criança quando se trata do tempo que o judiciário despense na decisão sobre a reinserção da criança – em instituição de acolhimento – na família de origem ou extensa, e como última opção, de ser disponibilizada para adoção. E a lei 13.509 de 22 de novembro de 2017, que altera o ECA no Art. 19, preconiza que a destituição da criança do convívio familiar e a inserção em programas de adoção devem ser decididas pelo Judiciário dentro do prazo máximo de 18 meses, favorecendo, assim, seu crescimento afetivo e desenvolvimento em uma nova família. Ademais, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (2015), a idade da criança está diretamente relacionada com sua chance de ser adotada, e a maioria dos pretendentes à adoção ainda desejam adotar crianças com no máximo três anos de idade e de cor branca, o que demonstra o peso sociocultural na escolha de crianças a serem adotadas.

A adoção pode ser compreendida como uma forma de permitir às crianças que não puderam ser criadas pelos pais consanguíneos encontrarem uma nova família, assim como permitir o exercício da parentalidade a pais que não puderam ter filhos ou que optaram pelo cuidado de crianças com as quais não possuem ligações genéticas (Pereira & Azambuja, 2015). O amadurecimento de uma criança sofre uma enorme influência da família, sendo que as relações de apoio e afeto entre pais e filhos são um importante fator de proteção para o desenvolvimento (Nardi & Dell’Aglío, 2012). Nesse contexto, a adoção destaca-se como um direito de todo indivíduo a ter uma expectativa de futuro em família (Gondim et al., 2008). Jonhson (2002) desenvolveu um estudo de revisão bibliográfica acerca dos efeitos da adoção sobre o desenvolvimento das crianças, concluindo que a adoção possui efeitos muito positivos sobre o desenvolvimento de crianças separadas de seus pais consanguíneos. Mesmo com crianças que sofreram negligência e abusos extremos no início da vida, a família adotiva pode ser um

ambiente capaz de reverter comprometimentos no desenvolvimento, ajudando na elaboração do trauma emocional e físico.

Se a adoção transcorre bem, essa é mais uma história comum que contará com perturbações e contratempos que normalmente fazem parte do amadurecimento humano. A mãe por adoção, ao tornar-se mãe, torna-se também terapeuta de uma criança que sofreu privação ou de-privação, podendo obter sucesso já que a terapia que está proporcionando a essa criança é exatamente a que ela precisa, mas que aquilo que os pais fazem como pais adotivos terá que ser feito com maior conhecimento e mais repetidamente; ou seja, na situação da adoção é importante que os pais por adoção ajudem seus filhos mais do que os pais consanguíneos o fazem (Winnicott, 1953/2008).

No início da vida, um ambiente que consiga oferecer as condições necessárias para o amadurecimento se resume a uma pessoa que consiga identificar-se com o bebê e oferecer os cuidados necessários, sendo que o ideal é que essa pessoa seja sua mãe. Entretanto, quando por algum motivo, a mãe não é capaz de oferecer esses cuidados, eles podem ser fornecidos por outra pessoa que se identifique com o bebê e consiga suprir suas necessidades (Winnicott, 1988/1990).

Na teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal, o problema teórico central é a continuidade do ser humano, tornar-se si mesmo. O problema da identidade de um indivíduo origina-se na tendência à integração, sendo este o assunto-chave no ser humano. A tendência à integração ocorre a partir de uma sequência de tarefas que devem ser realizadas com sucesso para que o indivíduo vá passando por estágios (amadurecendo). O sucesso das tarefas posteriores depende da solução das anteriores e, quando um problema da integração não é solucionado de modo satisfatório, o amadurecimento estanca, e o indivíduo torna-se doente por não conseguir ser si-mesmo, haja vista que o amadurecimento é um acontecimento permanentemente frágil. Faz-se relevante destacar que depende de o ambiente fornecer a provisão necessária para as fases de

crescimento, propiciando condições fundamentais para que um indivíduo se desenvolva e amadureça. O processo de amadurecimento precisa ser facilitado por outros seres humanos, pois, logo no início da vida, o indivíduo só amadurece na relação mãe-ambiente suficientemente boa (Loparic, 1999).

Muitas vezes a família por adoção não acompanha os estágios iniciais da criança que frequentemente sofreu graves de-privações nessa fase, sendo necessário que os membros da nova constituição familiar proporcionem cuidados específicos. Quando a mãe por adoção reconhece a falha no ambiente da criança, mesmo que essa falha não tenha sido causada por ela, mas oferece os cuidados extras necessários, a criança pode recuperar-se, expressando o ódio por não ter sido atendida em suas necessidades na época correta. Logo, essa falha do ambiente precisa da adequação da mãe por adoção para que possa ser suprida, tornando o ambiente seguro e confiável, aliando-se à recuperação da criança. Porém, quanto maior for a de-privação, mais difícil será fazer com que a criança confie no ambiente.

Nesse sentido, destaca-se a importância dos pais sobreviverem aos ataques de raiva da criança que vivenciou a adoção, pois a raiva somente pode existir nesta quando o ambiente é confiável. Além disso, a criança testa a família para saber se irá aceitá-la mesmo com suas dificuldades. Dessa maneira, o essencial é que os pais por adoção queiram dar uma vida familiar à criança como dariam se fossem os pais consanguíneos (Gomes, 2008), sendo importante a preparação da família para a adoção, haja vista que esta preparação está relacionada com um ajustamento mais positivo da criança ao novo lar (Goldberg & Smith, 2013), indo ao encontro do que a Lei 12.010 (Brasil, 2009) traz sobre a exigência da preparação dos postulantes à adoção.

A construção do relacionamento entre pais e filhos adotivos se dá ao longo de um caminho, sendo que a adoção é um processo complexo, que depende da construção das relações de afeto e da compreensão das vicissitudes e dificuldades inatas a esse processo (Hueb et al.,

2015). Refletir sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção faz-se essencial para compreender e favorecer intervenções que auxiliem tanto as crianças quanto os pais para essa travessia (Morelli, Scorsolini-Comin, & Santeiro, 2015). Investigar como o lugar da criança inscreve-se no universo da família, suas particularidades, sentimentos e a necessidade de os pais compreenderem o seu papel diferenciado enquanto pais de uma criança que sofreu privações e de-privações faz-se possível a partir dos pressupostos da teoria do amadurecimento (Winnicott, 1953/2008). Tal perspectiva vem sendo conduzida em diferentes estudos no cenário nacional (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006; Gomes, 2006; Hueb, 2016; Machado et al., 2015; Magi, 2009), abrindo a possibilidade de compreender não apenas o perfil dessas publicações, mas também de modo mais detalhado como tais investigações têm discutido o desenvolvimento emocional dessas crianças, ampliando o rol de evidências para práticas interventivas no contexto psicológico. A partir do panorama exposto, o presente estudo teve por objetivo apresentar uma revisão integrativa de publicações científicas sobre o que a literatura dos últimos 10 anos, ancorada na perspectiva winnicottiana, tem discutido sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção.

## **Método**

### **Tipo de estudo**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica. As revisões integrativas da literatura se caracterizam por contribuírem para o aprofundamento do tema investigado empregando um método rigoroso de pesquisa que apresenta a síntese de variados estudos publicados, possibilitando, assim, conclusões gerais de uma particular área de estudo (Scorsolini-Comin, 2014). Nessa revisão integrativa foi adotado o seguinte protocolo, a fim de obter evidências que sustentem práticas no campo da adoção: (1) identificação do tema e questão de



pesquisa; (2) estabelecimentos dos critérios de inclusão/exclusão de estudos; (3) categorização dos estudos; (4) avaliação dos estudos incluídos; (5) interpretação dos resultados; (6) apresentação da síntese do conhecimento (Mendes et al., 2008).

A questão norteadora desse estudo foi construída com base na estratégia PICO, amplamente empregada nos estudos de revisão integrativa, que representa um acrônimo para “Paciente”, “Intervenção”, “Comparação” e “Outcome-Desfecho”. A pergunta norteadora, se bem construída, possibilita a correta definição de quais evidências são importantes para a resolução da questão de pesquisa (Santos et al., 2007), possibilitando que a revisão atinja, de fato, o seu objetivo. A fim de buscar as melhores evidências, a pergunta norteadora delineada na presente revisão, a partir da estratégia PICO, foi: O que a literatura dos últimos 10 anos (P), ancorada na perspectiva winnicottiana (I), tem discutido sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção (O)? Há que se ressaltar que, como o objetivo não envolveu a comparação entre cenários ou técnicas, a estratégia PICO foi implementada na presente revisão sem o critério “C” (comparação).

### **Critérios de inclusão/exclusão**

Nesta revisão foram incluídos: (a) artigos publicados entre janeiro de 2006 e maio de 2016, a fim de recuperar apenas a produção mais recente acerca do tema investigado; (b) publicados em periódicos indexados e disponíveis na íntegra; (c) artigos em português, inglês e espanhol; (d) com temática pertinente aos objetivos da revisão (desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo de adoção) e que respondessem à questão norteadora do estudo. Foram excluídos trabalhos que não fossem artigos, como teses, monografias, dissertações, livros e capítulos de livros; artigos anteriores ao ano 2006; artigos de revisão da literatura; artigos distantes do tema e artigos que não respondiam à pergunta norteadora do estudo. Os resumos

condizentes com os critérios adotados foram selecionados, partindo-se desse levantamento prévio para a recuperação dos trabalhos completos.

### **Bases indexadoras e unitermos utilizados**

Foram utilizadas as bases de dados LILACS, PePSIC e SciELO. A escolha dessas bases se deveu ao fato de recuperarem boa parte da produção científica nacional e também recuperarem produções internacionais, notadamente do contexto latino-americano. Em todas as buscas realizadas nessas bases de dados foram utilizados os unitermos “adoção”, “crianças”, “Winnicott”, “teoria winnicottiana”, “Winnicott, D. W.”, “Winnicott, Donald Woods, 1896-1971” e “desenvolvimento emocional”, e seus respectivos correspondentes na língua inglesa e espanhola, sendo que os unitermos foram consultados previamente na Terminologia Psi-Alfabética da BVS-Psi, a partir da pergunta norteadora. Foram realizados os cruzamentos dos unitermos em duplas, tendo sido utilizado em todas as combinações o unitermo “adoção”, combinado com os outros. Por fim, utilizaram-se os unitermos “adoção” e “crianças” que, combinados com os outros unitermos, formaram combinações em trios, a partir do operador booleano “and”. Os unitermos foram combinados primeiro na língua portuguesa, posteriormente na inglesa e, por fim, na espanhola.

### **Procedimento**

A busca nas bases de dados citadas foi realizada no mês de maio de 2016. Os unitermos e suas combinações foram utilizados nas três bases selecionadas. Após a recuperação dos registros, foram aplicados os critérios de inclusão e de exclusão. Esse processo de busca e seleção foi realizado por dois juízes independentes, ambos com formação em Psicologia e com aprofundamento nos estudos de adoção, com familiaridade com as estratégias da revisão integrativa. As possíveis discordâncias foram analisadas por um terceiro juiz. Os artigos recuperados na íntegra após a aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão foram catalogados

em uma planilha no Excel para posterior análise. Nessa planilha, foram categorizados em termos de: título, autores, ano de publicação, periódico, tipo de estudo, amostra, objetivo e principais resultados. Essas categorias foram sistematizadas e organizadas em eixos temáticos, a partir dos assuntos tratados especificamente em cada estudo. A partir desse processo foi realizada a análise e interpretação dos dados, última fase da revisão integrativa. O *corpus* foi lido, analisado em profundidade e categorizado nos seguintes eixos temáticos: (a) estudos recentes e o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou a adoção; (b) a família consanguínea e por adoção e sua influência no desenvolvimento emocional do adotado; (c) influência da faixa etária da adoção sobre o desenvolvimento emocional e (d) a instituição de acolhimento e o desenvolvimento emocional da criança. Esses eixos serão apresentados e discutidos a seguir, buscando responder à questão norteadora delimitada.

### **Resultados e Discussão**

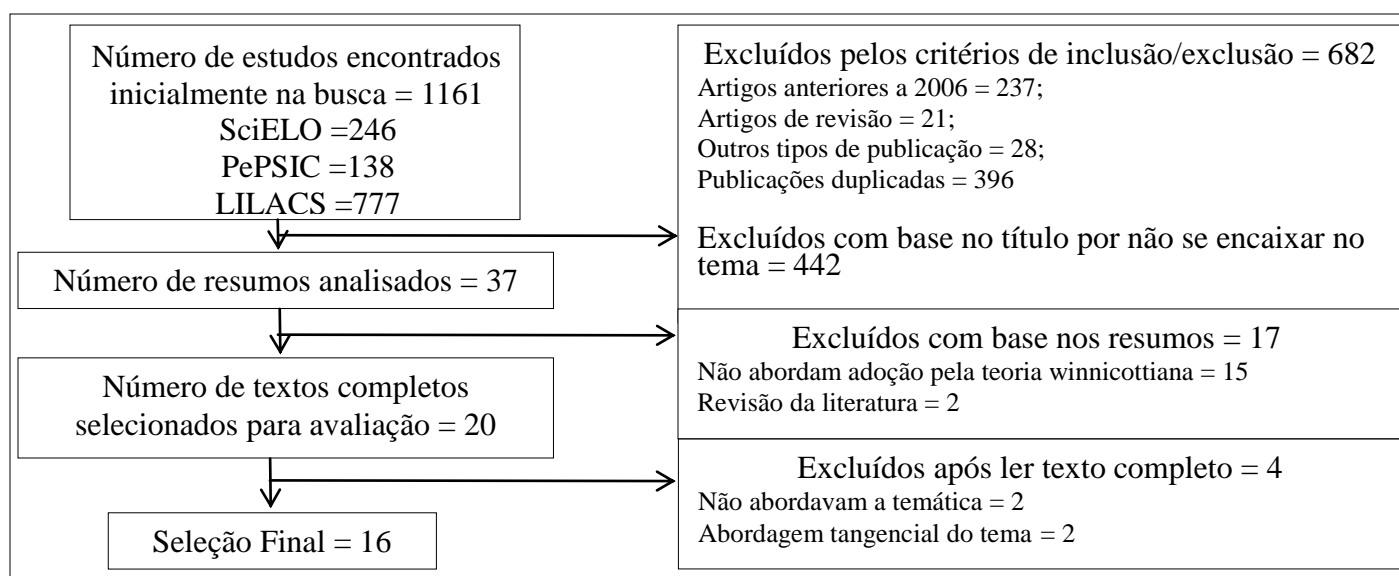
As buscas iniciais conduziram aos seguintes resultados em termos da quantidade de arquivos encontrados: SciELO (n=246), PePSIC (n=138), LILACS (n=777), totalizando 1161 materiais encontrados que foram refinados segundo os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Após a aplicação desses critérios restaram 479 artigos, que foram refinados a partir da leitura e análise dos títulos em termos de sua aderência ao tema investigado. Todo o processo de busca e seleção dos estudos está sumarizado na Figura 1.

Tomando como base esse critério de inclusão, 442 artigos foram excluídos, uma vez que se distanciavam da temática, abordando temas como mortalidade infantil, maternidade humana, adoção de tratamentos, nutrição infantil, saúde física, educação infantil, estudos técnicos e jurídicos sobre adoção, entre outros. Os estudos sobre adoção que foram excluídos não mencionavam a perspectiva winnicottiana de modo direto ou indireto. Além disso, grande

quantidade de artigos teve como motivos de exclusão a repetição de artigos entre as três bases, além de muitos estudos também serem anteriores ao ano de 2006. Após a aplicação dos critérios de inclusão/exclusão, da exclusão de outros tipos de publicação, dos artigos repetidos e anteriores ao ano de 2006 e da leitura na íntegra dos estudos, foram recuperados 16 artigos. Esses materiais compuseram o *corpus* (N=16) deste estudo de revisão.

Figura 1.

*Fluxograma dos estudos encontrados e recuperados.*



### **Estudos recentes e o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou a adoção**

Em termos do perfil das publicações, apresentadas na Tabela 1, a maioria são estudos de caso (n=9), seguidos por estudos teóricos (n=5) e somente dois estudos apresentados como teórico-clínico (n=2), o que destaca que a maioria dos estudos recentes – dos últimos dez anos – que discutem a relação das crianças que foram adotadas e seu desenvolvimento emocional são pesquisas pontuais, o que indica uma limitação na extensão da casuística investigada.

No que se refere ao ano de publicação, os artigos mais antigos datam de 2006 e o mais atual de 2016, sendo que em 2006 contamos com três artigos, um artigo do ano de 2008, um de 2009 e um de 2010; em 2012 contamos com três artigos, dois artigos de 2013, um artigo de 2014,

três artigos de 2015 e um de 2016. Ao todo a revisão conta com 16 artigos publicados nos últimos dez anos encontrados em buscas realizadas em três bases de dados distintas, o que destaca que a produção sobre o tema de desenvolvimento emocional em crianças adotadas ainda é escassa.

Tabela 1.

*Identificação dos trabalhos recuperados (N=16)<sup>4</sup>.*

Nº	Título	Autores	Ano	Tipo de Estudo
1	A adoção à luz da teoria Winnicottiana	Gomes	2006	Teórico
2	Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma	Zornig & Levy	2006	Estudo de caso
3	O pai ‘suficientemente bom’: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana	Ferreira, & Aiello-Vaisberg	2006	Teórico
4	Família substituta: uma proposta de intervenção clínica na adoção tardia	Bento	2008	Estudo de caso
5	A criança em situação de adoção e a clínica psicanalítica: o registro identificatório e os recursos no processo de simbolização	Magi	2009	Teórico
6	Recordar, repetir, elaborar e construir: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada	Levinzon	2010	Estudo de caso
7	Construindo vínculos: escuta psicanalítica para histórias de adoção	Silva	2012	Teórico-clínico
8	Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos	Otuka, Scorsolini-Comin, & Santos	2012	Estudo de caso
9	Experiência da parentalidade adotiva na perspectiva de um casal com filhos biológicos	Otuka, Scorsolini-Comin, & Santos	2012	Estudo de caso
10	A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção	Alvarenga&Bittencourt	2013	Estudo de caso
11	Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: novos	Otuka, Scorsolini-Comin, & Santos	2013	Estudo de caso

<sup>4</sup> Manteve-se o termo “biológico” nas tabelas apresentadas, respeitando os artigos originais, embora hoje a terminologia adequada seria “filhos consanguíneos”, uma vez que biológicos todos nós somos.

	contextos para a parentalidade			
12	Las adopciones de un niño	Salmún	2014	Estudo de caso
13	Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo	Machado, Ferreira, & Seron	2015	Teórico
14	Adoção e a psicoterapia familiar: uma compreensão winnicottiana	Verceze, Silva, Oliveira, & Sei	2015	Teórico-clínico
15	“Temos a arte para não morrer perante a verdade” (ou simplesmente Luiza)	Jorge	2015	Estudo de caso
16	Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária	Hueb	2016	Teórico

Continuação Tabela 1

Apesar de Winnicott (1953/2008) abordar em seus estudos o desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram a adoção, frisando que esse processo pode ser mais uma história humana comum e que a mãe por adoção pode oferecer a terapia que a criança precisa, observamos que poucos estudos foram realizados nos últimos anos visando investigar na prática o que Winnicott traz na teoria. Na revisão realizada para este trabalho nos deparamos com muitos estudos teóricos, que retomam o que Winnicott havia descrito e discutem com diversos temas ligados à adoção e a família de forma de geral (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006; Gomes, 2006; Hueb, 2016; Machado et al., 2015; Magi, 2009), enquanto que os outros estudos são categorizados como estudos de caso, ou seja, trazem um lado prático ao relacionar a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott com um caso em particular. A maioria desses casos foi de crianças atendidas em clínicas e que estavam em acolhimento institucional, porém em processo de adoção (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Bento, 2008; Jorge, 2015; Salmún, 2014) ou já eram filhos por adoção (Levinzon, 2010; Otuka et al., 2012a, 2012b, 2013; Silva, 2012; Verceze et al., 2015), sendo que somente um artigo retratava uma situação de adoção relacionando-a ao desenvolvimento emocional e não era um caso clínico (Zornig & Levy, 2006).

Sendo assim, os estudos de caso trazem uma contribuição mais técnica de como a teoria do desenvolvimento emocional pode ser ligada à prática com crianças que vivenciaram ou estão em processo de adoção. Faz-se importante destacar que os estudos de caso são específicos, que não permitem uma generalização do resultado ou uma discussão e comparação com outros casos, ficando, assim, limitados a uma situação particular e pontual, sem conversar com outras situações/dados. Há que se considerar, no entanto, que a totalidade dos estudos é de caráter qualitativo, o que se apresenta em consonância com a perspectiva psicanalítica, desenvolvida, sobretudo, a partir de estudos de casos clínicos e com a observação de atendimentos em consultório, o que permite uma discussão mais pormenorizada de cada caso e, com isso, não possibilita a generalização dos resultados, mas sim a sua reflexão diante de contextos distintos. Desse modo, pode-se dizer que os estudos recuperados estão em consonância com as investigações em psicanálise, embora tais métodos de pesquisa envolvam limitações, ao mesmo tempo em que possibilitam leituras críticas e aprofundadas dos casos. Em outras palavras, o perfil qualitativo dos estudos é coerente com o viés teórico delimitado em cada investigação, de modo a produzir evidências que nem sempre podem ser amplamente generalizadas, mas podem disparar reflexões aprofundadas em termos de casos específicos e seu manejo, o que também revela a sua contribuição para a construção do conhecimento no campo da adoção e das práticas psicológicas nesse contexto.

Em termos da revisão integrativa, que busca evidências para a prática em determinados contextos, pode-se afirmar que os estudos aqui recuperados fornecem evidências restritas para a adoção de práticas e protocolos, ou, em outras palavras, são de baixo impacto, mas podem provocar reflexões importantes nos atendimentos clínicos e no manejo dos casos, o que também se mostra relevante para a atuação em Psicologia. Mais do que destacar as limitações desses estudos para uma prática baseada em evidências, deve-se pensar constantemente nos indícios

contidos nesses estudos e que podem promover profícuas discussões de caráter qualitativo acerca do desenvolvimento emocional das crianças que vivenciaram o processo adotivo.

### **A família consanguínea e por adoção e sua influência no desenvolvimento emocional do adotado**

Todos os artigos contemplados nessa revisão destacam a importância dada na teoria winnicottiana aos primeiros momentos de vida e as relações precoces do bebê – como indica a Tabela 2, que resume os artigos recuperados para realização deste trabalho em termos de objetivo do estudo, amostra da pesquisa e principais resultados –, frisando também o quanto os primeiros cuidados são fundamentais para o desenvolvimento e história de vida da criança (Bento, 2008; Gomes, 2006; Verceze et al., 2015; Zornig & Levy, 2006). A família possui um papel fundamental em todos os estudos. No artigo de Machado et al. (2015) a família é considerada o primeiro núcleo de convivência e socialização da criança, sendo no seio dela estabelecidas as primeiras identificações e relações da criança. Porém, como Lauz e Borges (2013) sinalizam, quando alguma família não consegue oferecer os cuidados e apoio necessários à criança, elas podem ser retiradas da família e levadas ao acolhimento institucional. A legislação brasileira pontua como direito fundamental da criança o convívio familiar, de modo que as novas políticas vêm sendo orientadas cada vez mais para a minimização dos efeitos negativos da institucionalização (Hueb, 2016; Verceze et al., 2015) e, de acordo a lei 12.010 (Brasil, 2009), dada prioridade à colocação da criança em uma nova família.



Tabela 2.

*Objetivos, amostra e principais resultados dos trabalhos recuperados.*

Nº	Objetivo	Amostra	Principais Resultados
1	Demonstrar o pensamento de Winnicott sobre a adoção	Não se aplica	Importância dos cuidados precoces oferecidos pelos pais; Profissional que trata do tema deve providenciar para que tais condições favoráveis ocorram tanto aos pais quanto às crianças.
2	Refletir sobre a relação entre trauma e função materna.	Menino adotado aos 6 anos, viveu com a mãe esquizofrênica até os 5.	A mãe da criança exerceu função de sustentação; Possibilidade de elaborar a perda do objeto materno faz com que a criança possa ocupar o lugar de coautor de uma nova história.
3	Debater acerca da capacidade de devoção paterna no desenvolvimento infantil.	Não se aplica	Função do pai de proporcionar à mãe a segurança para a acolhida do recém-nascido; O pai possui a mesma condição de espelho assumida pela mãe, função de manter um enquadre seguro.
4	Discutir dificuldades de estabelecimento de vínculo de uma criança no processo de desabrigoamento.	Menino (5 anos), abrigado aos cinco meses e devolvido duas vezes.	Ambivalência de sentimentos da criança em relação ao desejo de ser inserida no seio familiar e permanecer na condição de abrigoamento; Sentimentos de insegurança inicial da criança foram se diluindo.
5	Abordar as marcas imaginárias, desde a constituição, do psiquismo humano em crianças que são adotadas	Não se aplica	O exercício da mãe suficientemente boa exige atenção permanente às possibilidades de enfrentar frustrações e perdas; A criança privada é notoriamente inquieta e apresenta um empobrecimento da capacidade de experiência no campo natural.
6	Enfatizar a dimensão do construir condições necessárias para o desenvolvimento primitivo de pessoas que apresentam falhas iniciais básicas.	Menina (12 anos), negra adotada com 1 mês de vida por pais brancos.	Pais procuravam reprimir (sem sucesso) a decepção por terem uma filha com uma cor de pele associada a uma situação desprivilegiada; Temor da paciente de perder quem amava; Melhora dos sintomas e possibilidade de sobreviver a seus impulsos mais instintivos.
7	Estudar aspectos psicodinâmicos da relação que se estabelece entre pais e filhos adotivos	Menino (13 anos), mulher (37 anos) e menina (14 anos).	Possibilidade de elaboração psíquica da descontinuidade e integração da história vivida nas origens permite que o processo de identificação e constituição da subjetividade se dê forma saudável.
8	Investigar a experiência da adoção por um casal que possuía filhos biológicos	Casal com 3 filhos biológicos que adotou um menino aos 4 meses de idade.	Altruísmo como motivação para a adoção; Ambiente parece ter se constituído como suficientemente bom para o acolhimento da criança adotada; Negação que a parentalidade adotiva e biológica sejam diferentes.

9	Compreender a experiência da adoção em um casal com filhos biológicos	Casal com filhas biológicas que adotou um menino com 2 meses de idade.	Motivação para adotar ligada à dificuldade da maternidade biológica pela idade da esposa à época; Problemas do filho adotivo atribuídos ao início de vida complicado e desamparado que teve antes da adoção.
10	Propor uma reflexão crítica sobre questões envolvidas no processo de adoção	Menina (9 anos) abrigada desde o nascimento, teve uma tentativa de adoção fracassada	Psicólogo como intermediário no estabelecimento das relações entre futuros pais e a criança a ser adotada; Necessidade do holding no início da convivência familiar da criança; Luto pela mãe biológica necessário.
11	Discutir experiência de adoção tardia de um casal divorciado, com filhos biológicos	Casal com 3 filhos biológicos que adotou adolescente (17 anos)	Altruísmo como motivação para a adoção; Noção de família transcende a ideia de arranjo nuclear tradicional; Diferentes significações atribuídas à parentalidade biológica e adotiva.
12	Articular um caso clínico aos conceitos winnicottianos	Menino (9 anos), adotado após uma desistência, aos 6 anos.	Dificuldades da criança na escola como consequência da sua “devolução”; A falta de palavras era resultado da carência simbólica; Através da brincadeira a criança canaliza suas vivências, levando-a a uma posição ativa.
13	Analisar a produção da legislação brasileira em termos de “adoção tardia”	Não se aplica	Imprescindível ao desenvolvimento do <i>self</i> o contato com um ambiente favorecedor; Pais compreendam sua importância como válvula de escape de impulsos e agressividade de crianças.
14	Discutir a dinâmica familiar de famílias com filhos adotivos a partir da psicoterapia psicanalítica.	Duas famílias com filhas adotivas.	A psicoterapia familiar pode elucidar questões inconscientes que favorecem a organização do grupo, desenvolvendo seus membros e promovendo a adaptação ao novo membro.
15	Discorrer um caso clínico, mostrando os aspectos psicológicos da criança colocada à adoção.	Menina (7 anos), institucionalizada, possuía 2 irmãos.	A menina não manifestava interesse pelo ambiente e acatava obedientemente as propostas oferecidas; Desenvolvimento da brincadeira e da capacidade criativa; Criança foi adotada junto com a irmã.
16	Problematizar a importância do preparo da criança/adolescente e da interlocução entre equipes da Instituição e do Judiciário.	Não se aplica	Técnicos das instituições devem criar um espaço seguro para as crianças serem ouvidas ao viver o processo de retirada da família biológica ou colocação em família substituta, facilitando, também, a transferência de valores e afeto para família substituta.

Continuação Tabela 2

Apesar de a adoção vir ganhando cada vez mais espaço na sociedade atual (Pereira & Azambuja, 2015), alguns estudos presentes nessa revisão apontam o quanto esse tema ainda é

permeado de preconceitos (Machado et al., 2015; Silva, 2012; Otuka et al., 2012b). Alguns artigos (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Gomes, 2006; Hueb, 2016; Machado et al., 2015; Magi, 2009; Verceze et al., 2015; Zornig & Levy, 2006) mencionam que a mudança de família exige que a criança lide com dificuldades próprias de terem sido adotadas e de terem ficado institucionalizadas, sendo que a separação da família consanguínea e o processo de transição de um local de convivência para outro é um momento permeado de angústias, destacando que por melhor que a instituição seja, ela não possui condições de se dedicar às demandas de todas as crianças acolhidas, realçando, assim, a importância de se colocar a criança o quanto antes em uma nova família. Compreender a adoção com base na teoria winnicottiana implica considerar que a família adotiva pode “tratar” a criança que sofreu de-privação (Gomes, 2006), sendo que a partir das novas relações estabelecidas com os pais é que a criança deverá criar e internalizar os laços de confiança (Machado et al., 2015; Zornig & Levy, 2006).

Diferentes estudos destacam, nesse sentido, que o sentimento de pertencimento de uma criança a uma nova família exige que ocorra o luto pela família consanguínea, e da mesma forma, os pais que vivenciaram a adoção também precisam realizar um trabalho de luto da criança imaginária pela criança real, sendo esse processo fundamental para a consolidação dos vínculos e para o processo de amadurecimento (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Verceze et al., 2015; Zornig & Levy, 2006). Nesse contexto, todos os estudos destacam o ponto da teoria winnicottiana relacionado à importância do ambiente suficientemente bom, sendo que o desenvolvimento emocional ocorre na criança seguindo uma tendência inata para o amadurecimento, porém ele só ocorre de fato quando se provê condições ambientais suficientemente boas. Portanto, somente dessa forma o bebê desenvolve um sentimento de integração e existência própria, sendo um longo caminho que permite a construção gradativa do *self* (Levinzon, 2010). O bebê desenvolve o sentimento de ser através dos primeiros cuidados que recebe, sendo imprescindível o contato com

um ambiente favorecedor para seu desenvolvimento (Machado et al., 2015; Otuka et al., 2012a, 2013). Uma relação profunda pode ser construída entre pais e filhos por adoção a partir do fornecimento de um ambiente suficientemente bom, em que a criança sinta-se seguramente sustentada, acolhida e pertencente à família.

Ao destacarem o quanto o desenvolvimento emocional de uma criança está ligado à sua família e principalmente à mãe, muitos dos estudos também apontam a importante contribuição da teoria winnicottiana ao instituir a expressão “preocupação materna primária” (Bento, 2008; Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006; Gomes, 2006; Verceze et al., 2015). A preocupação materna primária é definida nos estudos de Gomes (2006) e Bento (2008) como um estado especial de sensibilidade aumentada que a mãe se encontra ao final da gravidez (podendo sair desse estado posteriormente) e que será de fundamental importância para o desenvolvimento e sobrevivência do bebê, sendo que a mãe poderá oferecer um ambiente suficientemente bom às necessidades da criança. Entretanto, não é somente a mãe consanguínea que pode atingir esse estado especial, a mãe por adoção também é capaz de ser tomada por esse estado, identificar-se com o bebê e adaptar-se a ele. Logo, o desenvolvimento saudável de uma criança está ligado a um ambiente que consiga se adaptar e suprir as necessidades da criança, indo ao encontro do que Zornig e Levy (2006) salientam em seu estudo. Ao discorrerem a respeito de uma mãe esquizofrênica e seu filho sobre a importância da função materna, afirmam que se trata de uma função de sustentação e cuidado que permite à criança uma ancoragem simbólica para narrar a sua história. Essa função pode ser executada por outra pessoa, que não seja a mãe, porém que se identifique com o bebê. Nesse sentido, Otuka et al. (2012a) frisam que o ambiente suficientemente bom é constituído por toda família no provimento de afeto, proteção, segurança e cumplicidade. Portanto, apesar da mãe ser de fundamental importância à constituição da subjetividade do bebê,

ela precisa da ajuda de outras pessoas, sendo que o contexto familiar é de vital importância para a maturidade emocional do indivíduo (Bento, 2008; Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006).

Isso contribui para a compreensão que muitos estudos apontam sobre a importância dos pais respeitarem a necessidade da criança de desenvolver uma confiança por eles (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Hueb, 2016; Verceze et al., 2015; Zornig & Levy, 2006). Além da importância trazida por Winnicott quanto à revelação das origens da criança precocemente, possibilitando, assim, que a realidade seja vivida sem mistério (Gomes, 2006; Otuka et al., 2012a, 2012b).

Também ligado à família, estudos destacam como ponto relevante da teoria winnicottiana a compreensão de que os sentimentos de gratidão, raiva e tristeza ocorrem de forma diferente na criança que vivenciou a adoção e a importância dos pais compreenderem isso e suportarem os ataques da criança para que ela possa se recuperar do acontecimento e desenvolver uma relação segura com estes (Gomes, 2006; Otuka et al., 2013; Verceze et al., 2015). Gomes (2008) comenta que a raiva somente pode existir na criança por adoção quando o ambiente é confiável, e que a criança testa a família para saber se seus membros irão aceitá-la mesmo com suas dificuldades. As crianças adotadas perderam alguém, sua família de origem ficou para trás e isso não pode ser ignorado; caso elas tenham que fingir alegria para acalmar os pais estarão criando uma defesa contra a intrusão do ambiente e dando origem ao falso si-mesmo (Gomes, 2006).

Contudo, apesar de todos os artigos relatarem a importância das relações iniciais na vida de uma criança para o seu desenvolvimento, Zornig e Levy (2006) acentuam que mesmo reconhecendo a importância da qualidade dos cuidados parentais no início da vida para o desenvolvimento emocional das crianças, não se pode desconsiderar o potencial criativo e a capacidade regenerativa das crianças na procura de vínculos alternativos que possam lhe oferecer experiências positivas. A maioria dos estudos da revisão recupera a importância tanto da família consanguínea quanto da família por adoção e destacam que o essencial na adoção está na

capacidade da família de cuidar e se adaptar às necessidades da criança ao longo de seu amadurecimento.

Há estudos que também apresentam adoções consideradas “desastrosas” (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Salmún, 2014; Verceze et al., 2015) ou, ainda, apresentam casos de crianças que já haviam sido “devolvidas” em algum momento (Bento, 2008) e discutem que há casos de adoção que se tornam complicados não pela de-privação sofrida pela criança, mas por existirem problemas relacionados aos pais adotivos que interferem na adoção (como a esterilidade e o sentimento de incapacidade). Mostra-se importante que os pais compreendam que a criança precisará de muitos cuidados e que a intenção de adotar pensando somente em ajudar uma criança gera chances de fracasso da adoção, sendo que quando uma adoção é desastrosa seria melhor que ela nem tivesse ocorrido (Machado et al., 2015; Otuka et al., 2012a, 2013; Salmún, 2014; Verceze et al., 2015).

### **Influência da faixa etária quando se dá a adoção sobre o desenvolvimento emocional**

Dos estudos empíricos, sete pesquisas foram realizadas com crianças ou adolescentes, sendo que somente um participante era adulto – em processo de adoção ou com a adoção já concluída, sendo que a faixa etária variou de seis a 37 anos. Três estudos apresentam como participantes pais que adotaram, e um último estudo têm como participantes famílias, sendo que uma família estava em processo de adoção e a outra já havia concluído a adoção. Faz-se importante ressaltar que todos os artigos que continham participantes destacaram a idade em que a criança foi adotada; esse dado pode revelar a importância que se dá à idade da criança no momento da adoção e ao tempo que ela foi privada da convivência familiar, revelando que esse dado pode ter uma grande influência sobre o desenvolvimento emocional do adotado. Nesse sentido, alguns estudos (Gomes, 2006; Otuka et al., 2012b; Verceze et al., 2015), amparados nos

pressupostos winnicottianos, frisam a importância dos pais por adoção receberem logo a criança, no momento que estiverem preparados para cuidarem dela, assim como da criança ir para um lar o quanto antes, sendo que a falta temporária de uma família que possa oferecer cuidados influencia a história da criança (Gomes, 2006).

Um dos estudos realça os primeiros momentos pós-adoção, apresentando que estes se assemelham aos primeiros momentos após um nascimento, sendo caracterizado por uma fase de ilusão, que os pais encontram-se “encantados” e repletos de cuidados e atenção para com a criança (Alvarenga & Bittencourt, 2013). O que vai ao encontro do que Bento (2008) traz sobre a mãe por adoção também poder vivenciar o estado de preocupação materna primária e voltar-se completamente ao bebê/filho. Apesar de muito se falar sobre a adoção de bebês e Winnicott (1953/2008) enfatizar a importância da adoção nos primeiros meses de vida, é interessante notar que a maioria dos estudos de caso ou teórico-clínicos dessa revisão trazem a adoção de crianças maiores como tema, ou seja, adoção de crianças acima de dois anos de idade (Machado et al., 2015; Verceze et al., 2015). Essa modalidade de adoção é estimulada pela lei 12.010 (Brasil, 2009), porém a mudança ainda é pequena, haja vista que a maioria dos habilitados ainda deseja adotar crianças brancas e de até dois anos (Conselho Nacional de Justiça, 2015), o que é reiterado pelo estudo de Otuka et al. (2012b), em que o casal participante apresentou preferência por adotar uma criança recém-nascida expondo a ideia de que, dessa forma, cria-se a criança do modo que a família deseja e que as crianças mais velhas possuem maiores problemas. Nesse contexto, estudos destacam que o processo de se tornar pai/mãe de crianças maiores apresenta especificidades e a necessidade de considerar que o exercício da parentalidade nesses casos de adoção comporta também a adoção de uma história e subjetividade próprias da criança (Machado et al., 2015).

Nesse sentido, Ebrahim (2001) destaca que a diferença entre os grupos de adotantes que realizam adoções de crianças maiores e os que realizam adoções convencionais – adoções de

crianças com idade inferior a dois anos – parece ocorrer nas características da personalidade, sendo que os indivíduos que realizam adoções de crianças maiores apresentam-se como mais altruístas, maduros e com maior estabilidade emocional. Além disso, a autora destaca que os pais que realizam adoções convencionais geralmente o fazem por não terem seus próprios filhos, enquanto os que realizam adoções de crianças maiores adotam mais por sentirem-se sensibilizados com a situação de abandono da criança; porém cabe aqui ressaltar, como já citado antes, que a intenção de adotar apenas por altruísmo ou pela ideia de fazer o bem à criança não são motivos ideais para realizar uma adoção (Machado et al., 2015; Otuka et al., 2012a, 2013; Salmún, 2014; Verceze et al., 2015). Ressalta-se que nos estudos de Weber (1999) não se observou existir correlação entre a motivação para a adoção e o sucesso desta, fato que indica que cada adoção pode ter aspectos peculiares. Nesse contexto, Bicca e Grzybowski (2014) apontam em sua pesquisa realizada com pais que efetuaram adoções de crianças maiores, que o desejo de exercer a parentalidade parece sobrepor-se às características específicas da criança.

Nessa perspectiva, um dos estudos desta revisão destaca que as crianças abandonadas ou vítimas de maus-tratos não são problemáticas nem devem deixar de serem adotadas maiores (Zornig & Levy, 2006). Winnicott (1953/2008) sinaliza que a mãe que se torna mãe de um filho por adoção oferece a terapia que essa criança necessita e apesar de Zornig e Levy não discordarem da importância das relações precoces entre um bebê e sua família, destacam a possibilidade dos marcadores dessa relação primitiva (como os olhares, o contato tátil) serem retomados a partir da relação da criança com adultos que lhe ofereçam um ambiente suficientemente bom. A criança adotada maior vive um processo psíquico regressivo, que remete a um estado imaginário próprio ao recém-nascido, levando-a a percorrer as fases da constituição do *self* novamente e a viver um segundo nascimento. Os pais adotivos devem poder ser depositários da memória da criança, funcionando como um continente estável e contínuo,



facilitando, assim, uma regressão que possibilitará que o desenvolvimento da criança seja retomado (Alvarenga & Bittencourt, 2013). Assim sendo, Bicca e Grzybowski (2014) frisam que a flexibilidade dos adotantes perante as peculiaridades da adoção e o respeito às características da criança aparecem como preditores de uma boa adaptação junto com a abertura, acolhida e disponibilidade desses pais. Vargas (1998), ao apontar que a criança adotada maior vive um processo psíquico de regressão – como se fosse um segundo nascimento – destaca a importância de que os pais possam permitir e possibilitar o viver da criança, o renascer dela, indo ao encontro da teoria winnicottiana ao depreender a importância de um ambiente que acolha e supra as necessidades da criança.

Ao discutir a adoção de crianças maiores, somente um artigo (Machado et al., 2015) retoma os estudos realizados por Winnicott em épocas de guerra em que ele apresenta as dificuldades da inserção de crianças em outros lares, afirmando que as crianças afastadas do lar consanguíneo não se adaptavam facilmente a outro ambiente familiar por já terem formulado um conceito de lar que diferia da nova realidade que lhes era apresentada. Contudo, a maioria das crianças maiores adotadas passa por um longo período de institucionalização, sendo que muitas vezes a instituição ocupa o conceito de lar na mente da criança (Bento, 2008), porém quando adotadas, posteriormente, essas crianças poderão reconstruir a concepção de lar a qual estavam acostumadas, mas essa tarefa pode ser árdua e dolorida (Machado et al., 2015), visto que a criança traz padrões de comportamento estabelecidos e histórias de relacionamentos vivenciados, tendo que se adaptar a uma nova realidade e aprender regras, rotinas e hábitos da nova família (Hueb, 2016). Logo, destaca-se a importância da preparação para a adoção dessas crianças e adolescentes institucionalizados, assim como a preparação dos adotantes, conforme sinaliza a Lei 12.010 (Brasil, 2009), que estabelece sobre a obrigatoriedade de preparação para os postulantes à adoção. Nesses cursos preparatórios podem-se trabalhar os temores e as fantasias que permeiam o

universo da adoção para que estes não se tornem um entrave no futuro relacionamento pais-filho (Otuka et al., 2012b).

A partir do estudo de Otuka et al. (2013) é possível denotar que apesar das dificuldades, uma criança adotada maior – o que inclui adolescentes adotados – é capaz de se adaptar à família, às regras e modos de convivência desta, entendendo seu funcionamento e valores. Este fator é corroborado por Bicca e Grzybowski (2014) ao apresentarem que para todos os pais participantes de seu estudo, que realizaram adoções de crianças maiores, a idade da criança foi apontada como um fator facilitador da adoção e da integração dela à nova família, visto que a criança já possuía uma postura mais ativa e autônoma. Winnicott (1953/2008) aponta, nesse sentido, que a adoção, quando bem sucedida, é mais uma história humana comum com problemas comuns.

Alguns estudos (Machado et al., 2015; Silva, 2012) apontam que muitas vezes os sintomas que podem aparecer em crianças ou adolescente que vivenciaram a adoção são sintomas que surgem como uma forma de expressar que falta um pedaço nas histórias de origem, sendo que geralmente esses casos ocorrem em famílias em que a adoção é mantida como segredo, ou que, apesar de revelado, é um assunto intocável. Por isso a necessidade de que a criança conheça desde cedo sua história (Gomes, 2006; Otuka et al., 2012).

### **A instituição de acolhimento e o desenvolvimento emocional da criança**

O ECA (Brasil, 1990) prevê que quando uma família não consegue oferecer as condições necessárias à uma criança, essa pode ser retirada e colocada em instituições de acolhimento. Todos os artigos dessa revisão trazem colocações quanto à institucionalização, visto que essa está intrinsecamente ligada à adoção, e que as crianças que são adotadas passaram por instituições, sendo que muitos artigos destacam que essa passagem e a retirada da família consanguínea deixam marcas. Somente um artigo apresenta algumas das alternativas de assistência à criança

que sofreu de-privação e foi retirada de sua família, expondo que há pequenos lares, alojamentos com cerca de 20 crianças, alojamentos maiores e grandes instituições, e que todas essas formas de assistência existem no Brasil (Gomes, 2006).

Apesar dos estudos winnicottianos destacarem a importância da adoção ocorrer cedo, nem sempre isso é possível (Magi, 2009). Nesses casos a criança permanece na instituição de acolhimento e, ao invés de ser algo temporário – pretendendo promover a reintegração familiar ou colocação em família substituta, como a lei 12.010 (Brasil, 2009) preconiza – a permanência na instituição pode se estender até a maioridade. Isso é colocado em alguns estudos (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Jorge, 2015) que apresentam que essas instituições têm a função de acolher e assistir crianças/adolescente que foram abandonados ou tiveram que ser retirados de suas famílias, garantindo condições de estabilidade, regularidade e continuidade a eles. Além disso, nos casos que a instituição torna-se o lar permanente daquela criança, essa passa a participar da construção da identidade, autoestima e aquisição de competências para as crianças. Ademais, as instituições têm como objetivo resgatar o ambiente familiar, oferecendo às crianças oportunidade de convivência saudável e assistência integral (Jorge, 2015).

Um dos artigos (Bento, 2008) traz um histórico sobre a institucionalização e como essa existiu desde a época colonial, ressaltando, assim, que a institucionalização já denunciava uma condição de fragilidade de famílias propensas a abandonarem às crianças. O ECA (Brasil, 1990) surge na necessidade de mudar esse paradigma e superar as instituições que abrigam crianças sem perspectivas de recolocação familiar. Nesse contexto, Machado et al. (2015) destacam que o Conselho Nacional de Justiça estima que 45.531 crianças estejam em instituições de acolhimento no Brasil, mas apenas 5.469 dessas crianças estão aptas à adoção. Hueb (2016) aponta que a institucionalização de crianças e adolescentes deve ocorrer somente como última opção, haja vista que o retorno da criança a um núcleo familiar é bastante longo quando ocorre a

institucionalização e que para a criança ou adolescente o tempo neste período de desenvolvimento é muito significativo.

Apesar de existir grande disponibilidade da criança institucionalizada para estabelecer novos vínculos, nos casos em que a criança viveu muito tempo na instituição e esta passou a ser o local onde referências e vínculos afetivos foram construídos, a perspectiva de uma futura adoção deve ser trabalhada e elaborada com a criança, sendo relevante que ocorra um desligamento gradativo da instituição (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Hueb, 2016; Machado et al., 2015). Além disso, é importante que a criança tenha espaço para falar de seu sofrimento e incompreensão sobre sua história, podendo externalizar suas dúvidas para que assim ela não precise alimentar-se de defesas mágicas contra a angústia (Alvarenga & Bittencourt, 2013) e possa tornar-se um sujeito ativo diante do processo de mudança que vivencia (Hueb, 2016).

O estudo de Alvarenga e Bittencourt (2013) também aponta que muitos problemas, como de atenção e aprendizagem, entre outros, são atribuídos às crianças acolhidas devido à institucionalização e à ruptura dos vínculos, demonstrando, assim, que a criança institucionalizada ainda é observada a partir de uma lógica estigmatizante. Nesse sentido, Machado et al. (2015) destacam a necessidade da reflexão sobre o desenvolvimento das crianças institucionalizadas e as consequências da privação familiar. Contudo, Alvarenga e Bittencourt (2013) ressaltam que estudos sobre as instituições de acolhimento ainda são escassos. Ademais, Bento (2008) destaca que a reação das crianças ao sair da instituição irá depender do tratamento que irão receber nas famílias, se encontrarão afeto, compreensão e um ambiente acolhedor, podendo minimizar, assim, os efeitos negativos causados pela de-privação, indo ao encontro, nesse sentido, ao que todos os estudos presentes nessa revisão apontam sobre a importância do ambiente suficientemente bom.

Nesse contexto, somente dois artigos (Gomes, 2006; Hueb, 2016) apresentam a importância dos profissionais da instituição de acolhimento, da preparação e treinamento destes, destacando – embasado na teoria winnicottiana – que os cuidadores das instituições somente terão condições de fazer bem seu trabalho se puderem atender prontamente às necessidades da criança e não serem levados pelo sentimento de dó perante ela para oferecer seus cuidados, sendo que a mudança de cuidadoras suficientemente boas é algo negativo e deve ser evitado (Gomes, 2006). Faz-se importante destacar, por fim, que o estudo de Alvarenga e Bittencourt (2013) valoriza claramente a instituição de acolhimento como parte integrante da rede de apoio social e afetiva da criança, capaz de oferecer um espaço para o desenvolvimento saudável dos que ali estão acolhidos, podendo se constituir em uma alternativa positiva e segura quando o ambiente familiar é caótico; assim como o estudo de Hueb (2016) que, apesar de apontar que a institucionalização pode causar ansiedade devido à mudança de ambiente, sinaliza também que a institucionalização, se bem conduzida, acolhe e contém a criança/adolescente, enquanto que a maioria dos outros estudos atém-se aos pontos negativos e consequências da institucionalização ao desenvolvimento emocional da criança.

### **Considerações finais**

A adoção é um assunto que vem ganhando cada vez mais espaço e vencendo preconceitos e estigmas tanto na sociedade quanto no meio científico. Winnicott (1953/2008) desenvolveu estudos em que fala sobre o desenvolvimento emocional de crianças adotadas, destacando sempre o papel da função materna e da família por adoção. Porém, apesar de apresentar uma teoria sobre o desenvolvimento emocional das crianças que vivenciaram a adoção, na revisão aqui empreendida um pequeno número de artigos que fizeram uso dessa teoria foi recuperado.

Conclui-se que, apesar de ser de grande importância as relações iniciais na vida de um bebê, uma criança que sofreu privações ou de-privações e que foi retirada ou abandonada por sua família consanguínea pode encontrar na família por adoção um ambiente suficientemente bom e seguro – com pais que entendam e respeitem suas necessidades, e ofereçam um ambiente acolhedor – que propicie um desenvolvimento emocional saudável. Dessa forma, o estudo destacou que, de acordo com artigos embasados na teoria winnicottiana, o ambiente é um grande influenciador na constituição da subjetividade da criança/adolescente adotado. A família precisa de preparo para receber o novo integrante familiar, assim como a criança também necessita de preparo para sair de uma instituição de acolhimento e adentrar uma nova família, sendo que muitas vezes um acompanhamento psicológico após a adoção ter ocorrido pode ser necessário e bem-vindo para auxiliar na criação de um espaço em que possa ser estabelecida uma relação de confiança e reciprocidade entre pais e filho.

Faz-se importante destacar o predomínio de estudos encontrados relativos à adoção de crianças maiores, o que se configura como algo extremamente positivo para mostrar as possibilidades e potencialidades desses encontros, ainda rejeitados pela maioria dos candidatos à adoção no Brasil. Nesse sentido, salienta-se a necessidade de se pensar a teoria winnicottiana para além da adoção de bebês, aplicada também à adoção de crianças maiores. Além disso, faz-se primordial pensar e estudar as instituições acolhedoras – ambiente este que passa a ser por um período o lar de diversas crianças e adolescentes – e como proceder para torná-las um ambiente minimamente adequado e satisfatório neste processo de acolhimento.

Evidenciou-se a lacuna de estudos sobre a adoção com crianças com idade até dois anos, o que levanta o questionamento do motivo dessa escassez, podendo levar à ideia de que a adoção nessa faixa etária – conhecida pelo termo “adoção convencional” – é considerada natural e fácil. Porém, esse posicionamento é extremamente perigoso, pois como discorrido ao longo desse

estudo, tal processo é um caminho permeado por vicissitudes e questões às quais os pais por adoção devem atentar-se mais do que os pais consanguíneos o fariam. Ademais, ao realizar este estudo foi possível notar algumas limitações da revisão. Entre elas podemos citar a presença de poucos artigos recentes que tratem do tema adoção e desenvolvimento emocional, sendo que a maioria dos artigos encontrados é teórico ou estudo de caso, o que demonstra uma limitação na generalização de seus resultados, haja vista que são estudos pontuais, limitando também a generalização dos resultados apresentados nesse estudo.

Para além desse aspecto, há que se considerar que ainda são escassos os estudos longitudinais e com apoio de métodos quantitativos na investigação da adoção, haja vista a própria configuração desse tema na literatura científica. Apesar de uma revisão integrativa se sustentar no pressuposto da busca das melhores evidências que podem compor práticas de assistência em saúde e de que os estudos com os delineamentos apresentados na presente amostra não comporem evidências robustas nesse sentido, há que se considerar que se trata de um movimento qualitativo importante no sentido de dar visibilidade à temática e ao manejo de alguns casos que ilustram o desenvolvimento emocional na perspectiva winnicottiana. Tais apontamentos, apesar de circunscritos a determinados casos e contextos, podem inspirar abordagens, redes de cuidado e de proteção no sentido de uma prática mais adequada e condizente com a literatura narrada na contemporaneidade. Logo, a partir dos dados apresentados nesta revisão integrativa, destaca-se a necessidade de desenvolvimento de outros trabalhos que investiguem a criança que vivenciou o processo de filiação adotiva e como se dá o desenvolvimento emocional desta a partir de outros recortes metodológicos, ampliando as discussões ora apresentadas.

## Referências

- Alvarenga, L. V., & Bittencourt, M. I. G. F. (2013). A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando Famílias*, 17(1): 41-53.
- Bento, R. (2008). Família substituta: uma proposta de intervenção clínica na adoção tardia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2): 202-214.
- Bicca, A., & Gryzybowski, L. S. (2014). Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. *Contextos Clínicos*, 7(2): 155-167.
- Brasil (1990). *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 01 de junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)
- Brasil (2009, 4 de agosto). Lei n. 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção. Brasília. *Diário Oficial da União*, Seção 1. Recuperado em 02 de junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm)
- Brasil (2017). *Lei 13.509, de 22 de novembro de 2017: Dispõe sobre a adoção e altera o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 27 de novembro, 2017, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm)
- Conselho Nacional de Justiça. (2015). *Tempo dos processos relacionados à adoção no Brasil: Uma análise sobre os impactos da atuação do poder judiciário*. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/07/8aab4515becd037933960ba8e91e1efc.pdf>. Acesso em: 03/10/2016.
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1): 73-80.



- Ferreira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2): 136-142.
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2013). Predictors of Psychological Adjustment in Early Placed Adopted Children With Lesbian, Gay, and Heterosexual Parents. *Journal of Family Psychology*, 27(3): 431-442.
- Gomes, K. (2006). A adoção à luz da teoria Winnicottiana. *Winnicott E-prints*, 1(2): 51-68.
- Gomes, K. P. S. (2008). O manejo da criança adotada a partir da Teoria Winnicottiana. *APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, 4(11): 223-239.
- Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C., Brito, T. M. C., & Oliveira, B. T. (2008). Motivações dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 58(129): 161-170.
- Hueb, M. F. D. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP*, 17(1): 28-38.
- Hueb, M. F. D., Farinelli, M. R., Azôr, A. M. G. C. C. V., Cordeiro, E. G., & Ferreira, A. T. D. (2015). A experiência do Grupo Interinstitucional Pró-Adoção de Uberaba (MG): Compartilhando saberes e práticas. In: F. Scorsolini-Comin; L. V. Souza; S. M. Barroso (ed.), *Práticas em Psicologia: Saúde, Família e Comunidade* (pp. 245-269). Uberaba, Editora da UFTM.
- Johnson, D. E. (2002). Adoption and the effect on children's development. *Early Human Development*, 68(1): 39-54.
- Jorge, J. A. (2015). “Temos a arte para não morrer perante a verdade” (ou simplesmente Luiza). *Winnicott E-prints*, 10(1): 1-8.

- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4): 852-867.
- Levinzon, G. K. (2010). Recordar, repetir, elaborar e construir: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4): 155-164.
- Loparic, Z. (1999). A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. *Infanto – Revista neuropsicológica da infância e adolescência*, 7(1): 8-41.
- Machado, L. V., Ferreira, R. R., & Seron, P. C. (2015). Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1): 65-81.
- Magi, N. R. (2009). A criança em situação de adoção e a clínica psicanalítica: o registro identificatório e os recursos no processo de simbolização. *Estudos de Psicanálise*, 32: 141-146.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4): 758-764.
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2015). O lugar do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. *Psicologia Clínica*, 27(1): 175-194.
- Nardi, F. L., & Dell'aglio, D. D. (2012). Adolescente em conflito com a lei: percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2): 181-191.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012a). Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1): 55-63.

- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012b). Experiência da parentalidade adotiva na perspectiva de um casal com filhos biológicos. *Interamerican Journal of Psychology*, 46(2): 307-316.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia*, 30(1): 89-99.
- Pereira, A. K., & Azambuja, M. R. F. (2015). História e legislação da adoção no Brasil. In: F. Scorsolini-Comin; A. K. Pereira; M. L. T. Nunes (ed.), *Adoção: legislação, cenários e práticas* (pp. 17-27). São Paulo, Vetor.
- Salmún, S. L. (2014). Las adopciones de un niño. *Cuestiones de Infancia*, 16: 46-57.
- Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3): 508-511.
- Scorsolini-Comin, F. (2014). *Guia de orientação para iniciação científica*. São Paulo, Atlas.
- Silva, M. S. A. N. (2012). Construindo vínculos: escuta psicanalítica para histórias de adoção. *Psicologia em Pediatría*, 48(9): 376-382.
- Vargas, M. M. (1998). *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Verceze, F. A., Silva, J. M., Oliveira, K. M., Sei, M. B. (2015). Adoção e a psicoterapia familiar: uma compreensão winnicottiana. *Revista da SPAGESP*, 16(1): 92-106.
- Weber, L. N. D. (1999). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba, Juruá.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro, Imago. (Original publicado em 1988).

Winnicott, D. W. (2008). Duas crianças adotadas. *In*: R. Sheperd; J. Johns; H.T. Robinson (Orgs.), *D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças* (pp. 115-125). São Paulo, Artmed. (Original publicado em 1953).

Zornig, S. A., Levy, L. (2006). Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. *Estilos da Clínica*, 11(20): 28-37.

## **ESTUDO 2**

### **A representação familiar de crianças adotivas em diferentes configurações de família**

#### **The family representation of adopted children in different family configurations**

#### **Resumo**

Partindo do olhar da própria criança, este estudo de caso coletivo teve por objetivo investigar a representação familiar daquelas que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família, assim como de avaliar-lhes o amadurecimento emocional. Participaram do estudo cinco crianças com idade entre cinco e doze anos incompletos e seus respectivos pais/mães por adoção. Para a coleta de dados com a criança, utilizou-se de uma Sessão Lúdica, do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) e de uma sessão para maior investigação/intervenção sobre os desenhos realizados; além de uma Entrevista Semiestruturada com o casal ou um dos responsáveis. Os dados obtidos foram analisados e interpretados segundo método da livre inspeção do material a partir do processo compreensivo, sustentados no referencial psicanalítico winnicottiano. Os resultados mostraram a importância de a criança conhecer e possuir abertura para conversar sobre sua história com seus responsáveis e que o pertencimento à família é construído ao longo da convivência, passando por fases. Também constatou-se que a maioria das dificuldades identificadas com as crianças encontrava-se ligadas ao universo da adoção e não à forma como o casal que liderava a família se constituía, sendo que, independente da configuração de família, a representação familiar estava ligada a forma como as crianças vivenciavam a família e as funções familiares. O estudo remete à importância das crianças encontrarem na família por adoção um ambiente seguro e acolhedor, que sobreviva aos seus ataques e forneça um espaço em que sua história de vida seja respeitada.

**Palavras-chave:** adoção, crianças, família.

### **Abstract**

Based on the child's own view, this collective case study aimed to investigate the family representation of those who experienced the adoption process in different contexts, as well as to evaluate their emotional development. Five children aged between five and twelve incomplete years and their respective parents participated in the study. In order to collect data with the child, it was carried out three different procedures: a Play Session, the Family Drawings Procedure with Stories (DF-E) and a session of more investigation/intervention on the drawings. Besides these procedures, a semistructured interview with the couple or one of those responsible was done. The data obtained were analyzed and interpreted according to the method of free inspection of the material from the comprehensive process, based on the Winnicottian psychoanalytical framework. The results showed the importance of the child knowing and possessing an openness to talk about his/her history with those responsible and that the belonging to the family is built along the coexistence, going through phases. It was also found that most of the difficulties identified with the children were related to the universe of adoption and not to the way the couple who led the family constituted themselves, and regardless of the family configuration, the family representation was linked to the way the children lived the family and the family functions. The study points out the importance of children find in the family by adoption a safe and welcoming environment that will survive their attacks and provide a space in which their life history is respected.

**Keywords:** adoption, children, family.

### **Introdução**

Algumas décadas atrás, a forma de se pensar socialmente as relações familiares e conjugais era através do casamento legal e indissolúvel de um casal composto por um homem e

uma mulher. Esse modelo considerado tradicional sofreu diversas modificações ao longo dos últimos anos, gerando grande impacto na forma de se pensar família (Amorim & Stengel, 2014).

Com o passar do tempo, tais relações tornaram-se diversificadas, sendo que o conceito de que é “família” necessita ser expandido para abranger a remodelação e espectro dos padrões relacionais e domésticos. Na atualidade, as imagens da típica “família normal” – família nuclear que surgiu na era industrial – tornaram-se desatualizadas visto às realidades sociais emergentes, em que as pessoas criam novos e variados padrões de relacionamentos familiares (Walsh, 2016); o que demonstra a multiplicidade presente no conceito de família vigente (Amorim & Stengel, 2014). Inclusive, Vitorello (2011) afirma que na família do século XXI diversos modos de agrupamento e de arranjos parentais são observados; muitas vezes não é a mãe ou o pai que exerce as funções parentais na família, mas sim outras pessoas, como os avós ou tios, podendo, ainda, essa função encontrar-se invertida, com os pais assumindo a posição de filhos, necessitando serem cuidados, e os filhos a dos adultos. O autor aponta que “as novas e múltiplas configurações da família ocidental evidenciam as mudanças nos papéis sociais do homem e da mulher, assim como a nova realidade nas relações entre os sexos” (Vitorello, 2011, p. 13); salientando que com a inserção da mulher no mercado de trabalho, entre outras mudanças ocorridas, as normas dos relacionamentos atuais são muito distintas das encontradas nas famílias burguesas, e que cada vez mais encontramos pai-avô, filha-mãe, mãe-avó, entre outras configurações familiares. Nesse sentido, Amorim e Stengel (2014) destacam, na atualidade, a ideia de customização dos casais, aquela em que cada casal se relaciona de um modo singular e adaptativo.

Durante a Idade Média não havia diferenciações entre adultos e crianças (Vitorello, 2011). Hoje as crianças ocupam um lugar afetivo na família, sendo esta considerada a fonte principal de proteção e cuidados à criança (Lauz & Borges, 2013). Dessa forma, a família possui um

importante papel na vida da criança, e a representação familiar desta está intrinsicamente ligada aos moldes conhecidos e experienciados por ela, porém também se faz importante levar em conta as influências dos constructos sociais e da mídia nessas representações (Lauz & Borges, 2013).

Winnicott desenvolve a teoria do processo de amadurecimento pessoal do indivíduo em que apresenta a ideia de que todo indivíduo nasce com uma tendência inata ao amadurecimento, ou seja, à integração, porém essa tendência somente se realiza na presença de um ambiente facilitador que forneça os cuidados necessários para o amadurecimento da criança (Dias, 2008), logo o ser humano para existir necessita da atenção e cuidado de outro ser humano. Para o autor “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (Winnicott, 1988/1990, p. 11), ou seja, o ser humano é uma amostra no tempo que vive entre dois nada – o nada antes do nascimento e o nada depois da morte. Dessa maneira, o que está em jogo é a continuidade de *ser* como pessoa (Santos, 2007), e em cada estágio da vida há tarefas e dificuldades inerentes ao indivíduo, de modo que a resolução satisfatória das tarefas de cada estágio depende do sucesso nas tarefas dos estágios anteriores. *Ser* de maneira contínua, desde o nascimento, é o que garante a saúde de um indivíduo, sendo que a quebra dessa continuidade, ou seja, o fracasso na resolução da tarefa de uma etapa, principalmente no início da vida, faz o processo de amadurecimento pessoal se paralisar, levando o ser humano a uma existência difícil, o que pode gerar distúrbios emocionais (Santos, 2007; Dias, 2008).

Apesar de toda pessoa nascer com um potencial inato para se desenvolver e crescer, isso não garante que o amadurecimento realmente vá ocorrer; será, então, necessário um ambiente que lhe forneça cuidados suficientemente bons (Winnicott, 1986/1999; Loparic, 1999). Ressalta-se também que, no início da vida, um ambiente facilitador que consiga oferecer as condições necessárias para o amadurecimento se resume a uma pessoa que consiga identificar-se com o bebê e oferecer-lhe os cuidados necessários, sendo que o ideal é que essa pessoa seja aquela que



o gerou. Entretanto, quando por algum motivo, a mãe não é capaz de oferecer esses cuidados, eles podem ser fornecidos por outra pessoa que se identifique com o bebê e consiga suprir suas necessidades (Winnicott, 1986/1999; 1988/1990).

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990) frisa como funções da família, Estado e sociedade, assegurar à criança/adolescente o direito à vida, à saúde, à educação, à alimentação, ao lazer, à cultura, à dignidade, à profissionalização, à liberdade e ao respeito. Contudo, algumas famílias apresentam dificuldades em proporcionar esses direitos, cuidados e proteção à criança, podendo oferecer-lhes riscos, levando-as, assim, ao acolhimento institucional (Lauz & Borges, 2013). Nesse contexto, a lei 13.509 (Brasil, 2017) altera a legislação visando diminuir o tempo de permanência da criança em uma instituição de acolhimento, favorecendo, assim, seu desenvolvimento em uma nova família. Com esta alteração na legislação, a destituição da criança do convívio familiar e a inserção em programas de adoção devem ser decididas dentro do prazo máximo de um ano e meio pelo Judiciário, ou seja, a permanência da criança e/ou do adolescente em programa de acolhimento institucional não poderá se prolongar por mais de 18 meses, salvo exceções que atenda o melhor interesse do acolhido.

A adoção, por um longo período, foi marginalizada e o filho por adoção não era visto da mesma forma que um filho consanguíneo, mas sim como um “forasteiro”. Porém, nos dias atuais, esse cenário é bem diferente, a família por adoção aos poucos vem adquirindo visibilidade e vencendo preconceitos do imaginário popular, sendo a adoção reconhecida como possibilidade de fundar uma família que se sustenta nos laços afetivos e, com as mudanças nas configurações familiares, tornam-se múltiplas as possibilidades de adoção sob diferentes formas e contextos; além de casais jovens com problemas de fertilidade, os casais de meia idade, casais com filhos consanguíneos, casais do mesmo sexo e pessoas solteiras também vêm apresentando interesse na adoção (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006). Nesse sentido, ao romper com o mito de modelo

ideal de família burguesa, abre-se espaço para novas concepções de família, desmitificando, assim, a adoção, inclusive a de crianças maiores – ou seja, crianças acima de dois anos de idade – visto que a função da família, que é de proteção e socialização, independe da idade da criança ou da forma como essa família é composta. Sendo que, nesse contexto de novas configurações familiares, urge desvincular a adoção da ideia de se adotar somente crianças menores e a Lei 12.010 (Brasil, 2009) revela essa necessidade de mudança no perfil das crianças adotadas no Brasil (Machado, Ferreira, & Seron, 2015).

Nesse cenário de diferentes configurações familiares atuais, Weber (2010) realça que o desafio é lidar com a diversidade, além de saber confrontar os estereótipos entre o que é considerado tradicionalmente “normal” e o que verdadeiramente constitui uma família. Em relação à família formada por casais do mesmo sexo, a flexibilidade de papéis sociais de gênero leva a debates sobre o modo de ser masculino e feminino, suscitando alterações no conceito tradicional de família (Garbar & Theodore, 2000). Ademais, identifica-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelas famílias lideradas por casais do mesmo sexo estão ligadas ao preconceito sofrido, geralmente, fora do núcleo familiar, e não pela formação familiar em si (Telingator & Patterson, 2008). Fato que é reiterado por Ricketts e Achtenberg (1989) citados por Weber (2010) que afirmam que a felicidade individual e saúde mental estão ligadas a dinâmica da família e não a forma como esta é definida, afirmando assim que não importa como a família se estrutura, mas sim como ela vive. Consoante a isso, faz-se importante destacar que o conhecimento científico sobre famílias constituídas por casais do mesmo sexo ainda é escasso na literatura (Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2012).

As pessoas recorrem à adoção por diversos motivos, mas na maioria das vezes tal modalidade de constituição familiar tem a dupla finalidade de permitir à criança encontrar uma nova família e um ambiente que satisfaça suas necessidades para desenvolver-se, além de

permitir o exercício da parentalidade aos pais (Schettini et al., 2006). Entretanto, é importante ressaltar que o prolongamento entre as vivências da separação da família de origem e o amparo da família por adoção podem gerar marcas no desenvolvimento da personalidade, além de desencadear sentimento de desamparo na criança (Levinzon, 2008). Nesse contexto, faz-se relevante destacar que toda despedida pode ser um novo encontro (Peiter, 2011), o que explicita que o afastamento da família de origem pode ser um encontro com uma nova família que acolha e ofereça cuidados e afetos à criança.

São diversos os estudos encontrados sobre adoção e suas repercussões (Baptista, Soares, & Henriques, 2013; Silva & Arpini, 2013), assim como estudos relacionados às diferentes formas de adoção além da realizada por casais de sexo diferente (Amazonas, Verissimo, & Lourenço, 2013; Meletti & Scorsolini-Comin, 2015; Piccoli, 2014). Contudo, na revisão de literatura feita para a construção desta pesquisa, não foram localizados estudos na língua portuguesa, inglesa ou espanhola, dentro da busca realizada, que investigasse a representação familiar de crianças adotadas em diferentes configurações de família através do olhar da própria criança. Dessa forma, a realização deste estudo se justifica pela importância da atenção que a criança e a nova família exigem nesse momento e também pela relevância em compreender mais profundamente o olhar da criança que vivencia a adoção.

O ECA (Brasil, 1990) ressalta que a criança deve ser reconhecida como sujeito de direitos. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de valorizar a criança como fonte fidedigna de informações sobre si mesma, considerando que tem a necessidade e o direito de ser ouvida, sendo que sua participação ativa em pesquisas pode contribuir para o empoderamento do direito de participar da sociedade como um indivíduo (Rossetti-Ferreira, Serrano, & Almeida, 2011).

O desenvolvimento de uma criança está embasado em uma família que ofereça conforto, afeto e amor; e a adoção destaca-se como um direito de todo indivíduo a ter uma expectativa de

futuro em família (Gondim et al., 2008). Quando são adotadas, todas as crianças são inseridas em uma nova família e incluídas no convívio desta. Logo, o presente estudo mostra-se importante, pois teve como objetivo investigar a representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família a partir do olhar da própria criança, além de avaliar o amadurecimento emocional destas. Essa compreensão pode alertar famílias, profissionais e a sociedade em geral sobre como se dá o desenvolvimento emocional dessas crianças e qual a representação de família que possuem estando inseridas em diferentes configurações familiares, visando, assim, compreender essas novas configurações sob o olhar dessas crianças.

## **Método**

### **Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo de caso coletivo, de caráter descritivo, exploratório e de corte transversal, que utilizou da investigação clínica qualitativa pautada pela utilização de procedimentos projetivos, com ancoragem na teoria psicanalítica. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos autores sob o parecer número 1.786.494 (Anexo B).

O estudo de caso coletivo é definido como aquele em que o pesquisador agrupa determinado número de casos para investigar um fenômeno, uma população ou uma condição geral, o que permite trazer um melhor entendimento e uma melhor teorização daquele grupo estudado (Stake, 2000). No presente trabalho, o fenômeno comum ou condição geral investigados foi a adoção de crianças em uma idade mais avançada, porém em diferentes configurações familiares.

## **Participantes**

Participaram do estudo cinco crianças que vivenciaram o processo de adoção e seus respectivos responsáveis, sendo quatro mães e um pai. Os critérios de inclusão para as crianças foram: (a) ser adotado legalmente; (b) possuir tempo mínimo de um ano de convivência com a família por adoção; (c) possuir idade mínima de cinco anos e máxima de 11 anos e 11 meses; (d) pelo menos um dos pais por adoção consentir com a participação do menor na pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a criança assentir em participar do estudo (Apêndice A). Os critérios de exclusão elencados para as crianças foram: (a) processo de adoção legal não ter sido concluído; (b) criança não possuir conhecimento de ter sido adotada.

Já os critérios de inclusão para os pais/mães por adoção foram: (a) ser casal casado legalmente ou possuírem união estável; (b) casal residir no mesmo domicílio; (c) terem adotado legalmente a criança enquanto casal; (d) pelo menos um dos membros do casal ter consentido em participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Os critérios de exclusão para os pais/mães por adoção foram: (a) não ser casal; (b) casal se separar durante o processo de coleta de dados ou já estar em processo de separação. Importante informar que não houve restrições em relação a aspectos socioeconômicos, grau de instrução e atuação profissional, para a inclusão dos participantes.

## **Material**

Foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice C) com os pais/mães por adoção do participante; a fim de coletar dados referentes à história de vida da criança participante, às experiências da adoção e à convivência familiar. Com a criança foi realizada uma Sessão Lúdica e a aplicação do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E).

A Sessão Lúdica utilizou de bonecos família, automóveis, animais domésticos e selvagens, artigos de cozinha, folhas em branco, lápis de cor, tinta guache e massinha para

modelar. O registro da Sessão Lúdica foi feito retrospectivamente pela pesquisadora, visto que durante o procedimento não foram realizadas anotações, a fim de não interferir na espontaneidade da expressão do brincar. Decidiu-se pela realização da Sessão Lúdica visto que por meio dos brinquedos e jogos a criança tem a possibilidade de representar seus conflitos básicos, desejos inconscientes, medos e defesas (Klein, 1932/1981).

Optou-se pela utilização do DF-E uma vez que este é empregado para ampliação do conhecimento das relações intrafamiliares e intrapsíquicas do indivíduo. Originado de técnicas gráficas e temáticas, é formado por quatro unidades de produção a partir de quatro consignas: (1) uma família qualquer, (2) uma família que o examinando gostaria de ter, (3) uma família em que alguém não está bem e (4) a família do examinando. Tendo como base a importância da família no desenvolvimento de uma pessoa, o DF-E aborda conflitos e dificuldades emocionais que estão relacionados à dinâmica familiar (Trinca, 1997).

## **Procedimentos**

**Coleta de dados.** O contato inicial com os pais/mães por adoção, das crianças participantes deu-se a partir de indicações pelo Grupo de Apoio à Adoção de uma cidade do interior de Minas Gerais de casais que se adequassem aos critérios estabelecidos para participar do estudo. Após a indicação, esses possíveis participantes foram contatados por telefone e informados sobre a pesquisa. Com aqueles que demonstraram interesse em participar voluntariamente, foi agendado um encontro na Clínica Escola de Psicologia da universidade à qual os autores do estudo pertencem, onde os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento foram apresentados e assinados, demonstrando assim a concordância dos participantes com os termos da pesquisa. Foi, então, realizada uma entrevista semiestruturada com o casal ou um dos membros do casal e posteriormente foram agendados três encontros com a criança participante.

A partir do contato com os participantes iniciais indicados pelo Grupo de Apoio à Adoção, utilizou-se da técnica da bola de neve ou *snowball*, aquela em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, e estes sucessivamente vão indicando outros, até que o objetivo proposto seja alcançado. Essa técnica de amostragem, adotando cadeias de referência, é muito utilizada em pesquisas sociais (Campos Matos, Alarcão, Lopes, Oiko, & Carreira, 2015).

Na entrevista realizada com o casal ou um dos membros do casal, foi solicitada permissão para audiogravá-la, para que nenhum detalhe passasse despercebido. Após a realização da entrevista, esta foi transcrita integralmente para posterior análise e interpretação dos dados. Em seguida foram realizados três encontros com a criança participante, sendo o primeiro para realização da Sessão Lúdica, o segundo para aplicação do DF-E e o terceiro para maior investigação sobre o DF-E e realização de intervenções pela pesquisadora.

Todos os encontros para a coleta foram realizados em um local reservado e livre de interferências externas: salas de atendimento da Clínica Escola de Psicologia ou na residência do próprio participante, quando este não conseguia horário compatível para se dirigir a Clínica Escola. A fim de garantir silêncio, sigilo, conforto e confiança para os participantes, condições essas imprescindíveis para a realização da entrevista, da Sessão Lúdica, do DF-E, seguidos da intervenção, quando a coleta de dados se dava na residência do participante, o aposento escolhido tinha as mesmas características de privacidade da Clínica Escola. Os procedimentos foram realizados face a face, em data e horário acordados previamente com os responsáveis pela criança. As anotações referentes à Sessão Lúdica foram realizadas ao término desta, narrando os acontecimentos ao longo da sessão, a fim de que não se perdesse nenhum detalhe. Destaca-se ainda que as intervenções verbais realizadas pela pesquisadora no último encontro tiveram o claro objetivo de possibilitar que os participantes pudessem reconhecer suas produções como sendo

genuinamente suas, que lhe fizessem sentido, mas em especial que não houvesse influência da pesquisadora na expressão das Unidades de Produção do DF-E quando da segunda sessão.

**Análise de dados.** Os dados obtidos na Sessão Lúdica e no DF-E foram analisados e interpretados segundo método da livre inspeção do material a partir do processo compreensivo (Trinca, 1984), sustentados no referencial psicanalítico de abordagem winnicottiana. Em geral, o processo compreensivo designa que se deve encontrar um sentido para o conjunto de informações que estão disponíveis no momento da coleta de dados, tomar aquilo que é significativo e relevante na personalidade, entrando empaticamente em contato emocional e conhecendo os motivos da vida intrapsíquica do indivíduo, recorrendo à livre inspeção do material, que é baseada na experiência do psicólogo e no julgamento clínico (Trinca, 1984; Trinca & Becker, 1984). No DF-E, em especial, utiliza-se a associação de processos expressivos-motores e verbalizações temáticas visando conhecer e compreender conteúdos psíquicos referentes à dinâmica familiar (Trinca, 1997; Tardivo, 2011).

Os dados provindos da entrevista foram usados posteriormente, como instrumento auxiliar, para compreender a história de vida da criança participante, as experiências da adoção e a convivência familiar. Tais dados também foram interpretados segundo o método da livre inspeção (Trinca, 1984; Tardivo, 1997). Na livre inspeção do material o pesquisador/autor usa de sua experiência e conhecimento psicanalítico – ou seja, usa um referencial de análise que é resultado do seu conhecimento prévio –, para compreender o material coletado (Tardivo, 1997).

As intervenções foram realizadas pela pesquisadora levando em consideração a escuta psicanalítica, ou seja, o material emergente durante as sessões lúdicas e o DF-E. Esse procedimento clínico de efetuar intervenções já no momento da coleta de dados é oriundo de forma de investigação conhecida como Psicodiagnóstico Interventivo, oferecendo assim ao paciente ou participante, devoluções durante o processo investigativo e não apenas ao final. O



Psicodiagnóstico Interventivo complementa o processo compreensivo visto que incorpora a ele intervenções deliberadas do profissional (Barbieri, 2010). Importante destacar que em cada encontro entre pesquisadora e participantes consideraram-se os aspectos transferenciais e contratransferenciais da dupla, a fim de construir o estudo de caso coletivo. Para tanto, consoante com a teoria do amadurecimento emocional na abordagem winnicottiana, buscou-se oferecer aos participantes um ambiente compreensivo, seguro, indestrutível e acolhedor de suas necessidades, possibilitando o encontro criativo entre a dupla. Destaca-se ainda que cada etapa do processo foi supervisionada pela orientadora deste estudo, o que possibilitou a construção de cada caso.

### Resultados e Discussão

As crianças participantes possuíam idade entre cinco e 11 anos, sendo quatro do sexo feminino e uma do sexo masculino (Tabela 1).

Tabela 1.

*Identificação Dos Participantes (Nomes Fictícios).*

<b>Crianças Participantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Número de filhos na família</b>	<b>Pais</b>
Davi	8 anos	2 filhos (1 consanguíneo e 1 por adoção)	Sofia/Davi Pai
Brenda	9 anos	3 filhos (1 consanguíneo e 2 por adoção)	Ana/Gael
Luna	11 anos	3filhos (1 consanguíneo e 2 por adoção)	Ana/Gael
Isa	5 anos	2 filhos (por adoção)	Rosa/Maya
Mel	7 anos	2 filhos (por adoção)	Rosa/Maya

A Sessão Lúdica, o DF-E e o terceiro encontro realizados com as crianças tiveram duração de 50 minutos por sessão, enquanto as entrevistas semiestruturadas com os pais/mães tiveram duração média de 68 minutos. Embora tenham participado cinco crianças, optou-se por apresentar os casos divididos por famílias, ademais é importante salientar que, por questão de espaço, apenas parte das Unidades de Produção de DF-E realizadas pelas crianças são apresentados para ilustrar os casos analisados e discutidos a seguir.

### **Davi: o terceiro da família**

Davi foi adotado pela família substituta aos quatro anos e sete meses, tendo sido retirado de sua família consanguínea quando tinha um ano de idade, pois a mãe era usuária de drogas, tendo as utilizado durante toda a gravidez e amamentação do bebê. Por duas vezes o irmão mais velho de Davi tentou obter sua guarda, porém, por questões outras, não conseguiu seu intento e devolveu-o à instituição de acolhimento. Gomes (2006) evidencia que as crianças que mudam de família precisam lidar com dificuldades próprias dessa mudança assim como a de terem permanecido em instituições, sendo que as instituições de acolhimento não possuem condições de se dedicarem a todas e quaisquer demandas das crianças. Consoante a isso, Winnicott (1953/2008) destaca que é importante que a criança seja colocada o quanto antes em uma nova família, contudo nem sempre isso é possível, sendo que muitas crianças podem passar um longo tempo em instituições de acolhimento (Hueb, 2016).

A família substituta de Davi é composta pela mãe Sofia, por Davi Pai, e pelo irmão de 13 anos, Davi Filho (os três possuem o mesmo prenome), o qual é filho consanguíneo do casal. Aqui se destaca o fato dos prenomes iguais, visto que a família constitui-se enquanto elemento estruturador da vida de uma criança pelo cuidado e fornecimento de um ambiente que proporcione as condições necessárias para o desenvolvimento desta (Winnicott, 1986/1999). A partir dessas condições do ambiente, o amadurecimento vai ocorrendo e a criança progredindo por fases e se construindo em um ambiente confiável e estimulador, evoluindo da dependência absoluta à dependência relativa e posteriormente à independência relativa, adquirindo a identidade unitária (Gomes, 2006). Contudo, no caso de Davi em que os três homens da família possuem o mesmo prenome, isso pode afetar o processo de individuação, podendo a individualidade não ter espaço para se sobressair dentro da família, sendo que os prenomes iguais podem gerar confusão no reconhecimento, afetando, assim, o amadurecimento emocional.

Sofia, que participou sozinha da entrevista, destacou que não percebe diferença entre o filho consanguíneo e o filho por adoção, esclarecendo que entende que somente a forma de gestação é diferente, mas o amor maternal é o mesmo. Ademais realçou que sempre teve o desejo de ter dois filhos, para dividir a responsabilidade que lhes seriam imputadas quando os pais ficam mais velhos e necessitam de cuidados. Frisou que, além de ter se casado com mais idade, posteriormente veio a sofrer de uma grave doença, o que levou os médicos a desaconselharem a engravidar novamente, fato que a fez optar pela maternidade adotiva. Entretanto esclareceu que sempre pensou nessa possibilidade, uma vez que dois irmãos de seu esposo são inférteis, o que a fez supor que o marido também o poderia ser. Relatou que ela e o marido sempre desejaram adotar um menino mais velho para que pudesse fazer companhia para o primeiro filho. Importante, aqui, destacar a motivação dos pais para a inclusão de Davi na família, motivação relacionada ao irmão, o que levanta a reflexão sobre qual a função que a criança assume dentro da família. Como já citado, a adoção vem tomando diferentes formas nas famílias atuais, uma vez que não é mais somente o casal infértil que a realiza, mas também casais que já possuem filhos consanguíneos (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006), sendo que as motivações para a adoção são variadas, porém Ebrahim (2001) destaca que pessoas que realizam adoção de crianças maiores apresentam-se como mais maduras e altruístas. Nesse sentido, Gondim et al. (2008) apresenta em sua pesquisa que dentre as motivações para realizar a adoção de crianças evidencia-se a necessidade de preencher uma solidão, de dar companhia a um filho único, de preencher o lugar de um filho falecido, entre outras. Todavia, apesar de ser necessário pensar e trabalhar o papel que a criança desempenha na família perante a expectativa que lhe é imputada, não há consenso que a motivação para adoção esteja correlacionada a qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos (Weber, 1999; Reppold & Hutz, 2002) visto que a avaliação de um único aspecto frente a

adoção é insuficiente diante das variáveis envolvidas na vida dos membros da família (Gondim et al., 2008).

Além disso, Sofia ressaltou que lida muito bem com a adoção e é muito aberta para conversar com o filho sobre o assunto e sobre sua família de origem, diferente de seu marido: “[...]Ele fala mais comigo, acho que ele tem mais receio do Davi Pai não aceitar, como ele não aceita mesmo, assim de... vida passada é passada”. Essa colocação remete ao quanto algumas famílias adotivas têm dificuldade de falar sobre a ambivalência de sentimentos ou sentimentos destrutivos que podem estar presentes na adoção, tendo a ideia que abordar esses sentimentos é como se destruísse tudo que tem de bom; “vida passada, é passada” remete a ideia que a história pregressa é ruim, e que depois de concretizada a adoção, somente o lado bom prevalecerá. Porém a criança necessita de uma pessoa confiável que esteja ao seu lado na busca da verdade e entenda sua necessidade em experienciar a emoção apropriada à realidade, ou seja, a criança deve poder ser dominada pela tristeza, raiva, exasperação ou desgosto, de acordo com as circunstâncias da adoção, e somente assim ela poderá alcançar o amor de seus pais/responsáveis, alcançando sua própria capacidade de amar (Winnicott, 1955/2008). Um dos fatores que pode estar vinculado ao desejo de apagar a história pregressa da criança é a negação da adoção como uma forma diferente de parentalidade, sendo que muitas vezes a adoção apoia-se na negação da diferença entre a parentalidade consanguínea e adotiva (Costa & Campos, 2003) e como Hartman (1994) destaca, a família consanguínea é a negação dessa diferença e por isso a ideia que essa conexão deve ser rompida, não devendo ser falada/lembrada. Porém esse desconhecimento e a não abertura para falar sobre sua história pode desencadear dificuldades para a criança – sentimentos de vazio, problemas de comunicação e relacionamentos – e também para a família por adoção (Costa & Campos, 2003).

É essencial que os pais/mães por adoção, ao cuidar de uma criança que sofreu de-privação, adapte-se as necessidades dela ao longo de seu amadurecimento, podendo assim vir a “tratar” essa criança. A adoção deve fornecer a criança um ambiente confiável, que propicie cuidados especiais, que não ignore a história e traumas sofridos anteriormente por ela, logo os pais/mães precisam saber que essa criança sofreu de-privação e que necessitará de maiores cuidados (Gomes, 2006). Nesse sentido, Winnicott (1953/2008) ressalta que a mãe por adoção, ao tornar-se mãe, torna-se terapeuta de uma criança que sofreu privação ou de-privação, sendo que os pais por adoção terão que sobreviver aos ataques de raiva da criança, sendo essa tolerância fundamental, pois a criança necessita experimentar o ódio externo a eles; assim, a mãe ao trazer para a criança sua história de vida e também o ódio, lhe proporcionará um espaço terapêutico, espaço esse que será sua própria casa.

No caso de Davi é possível perceber que a mãe fornece esse espaço ao filho, diferentemente do pai, sendo que Sofia relatou que percebe que os dois filhos sentem-se mais próximos dela, o que é reiterado ao longo da Sessão Lúdica com Davi, na qual apresentou situações vivenciadas somente relacionadas à mãe ou ao irmão, como durante a brincadeira de cozinhar em que relatou gostar de comer tudo o que a mãe cozinha. Também narrou que dorme na sala com a mãe e o irmão, e quando indagado sobre seu pai, respondeu que às vezes este dorme fora de casa ou em outro quarto. Além disso, há de se ressaltar que Davi pediu para sair da sala de atendimento por duas vezes para ir ao encontro da mãe na sala de entrada, primeiramente justificou que era por estar com saudades, na segunda vez disse que era para mostrar-lhe sua pintura, sendo que o pai também se encontrava na sala de espera e Davi não se dirigiu a ele. Essa atitude de Davi assinala a importância da constância do objeto, de verificar que a mãe se mantém presente, que não o abandonou, visto que já foi abandonado tanto pela mãe quanto pelo irmão consanguíneo. Ressalta-se que de um modo geral, a criança tem capacidade limitada para manter

viva a imagem/ideia de uma pessoa amada quando inexistente oportunidade de ver ou falar com essa pessoa, sendo que quando esse tempo de separação é longo demais para a criança, essa não consegue mais sentir que sua mãe seja real ou passa a ter a ideia de que algo ruim irá lhe acontecer (Winnicott, 1987/1999). Na criança que vivenciou o processo adotivo esta necessidade de manter a imagem viva da mãe é ainda mais impetuosa, visto a história de abandono que já vivenciou.

Na busca por um suporte emocional, observa-se que Davi procura estabelecer a relação com a mãe a partir do alimento real, como expressado em uma brincadeira de “*fazer comidinha*” na Sessão Lúdica e no relato de que “*gosta de comer tudo que a mãe faz*”, fato confirmado na entrevista com Sofia, na qual antecipamos que Davi gosta de comer tudo que ela também aprecia. Ao receber o alimento, cumprindo a função nutritiva e sanando a fome, a criança em geral tem uma sensação agradável, o que leva a necessidade da repetição não apenas pelas questões biológicas, mas também pelo prazer concomitantemente proporcionado (Dilger, 2015). Nesse sentido, o alimento (objeto objetivamente percebido) é usado como objeto transicional e transformado em simbólico (objeto subjetivamente percebido), possibilitando, assim, a continuidade do amadurecimento emocional (Winnicott, 1951/2000). Diferente da mãe consanguínea que alimentou Davi com “comida estragada” – amamentava sendo usuária de crack –, a mãe por adoção alimenta com “comida gostosa”, o que remete a importância do primeiro contato da criança com o mundo, a relevância da amamentação.

Em um dos momentos na Sessão Lúdica, Davi falou que sabia que estava ali para contar sua história e relatou que nasceu em outra cidade, que “*brincava com o avô, mas depois foi morar na Casa Lar, e que lá batiam nele e que depois veio morar com sua mãe e... Fim!*”. Quando indagado sobre como era na instituição de acolhimento, nomeada por ele de “Casa Lar”, respondeu “*ruim*” e quando questionado sobre morar com sua família atual se restringiu a dizer

que “é bom”, dando respostas monossilábicas ou evasivas às perguntas, retornando em seguida à brincadeira de “fazer comida” que estava realizando. Tais fatos sugerem que falar sobre todo o processo da adoção, sobre sua família consanguínea e sua família substituta, é ainda um assunto dolorido, ansiogênico e difícil de ser expresso, colocado em palavras, para ele. Essa percepção foi reiterada na sessão de aplicação do DF-E, na qual demonstrou resistência ao realizar os desenhos e contar as histórias<sup>5</sup> e ademais, na terceira sessão em que foi proposto conversar sobre suas produções, demonstrou não conseguir falar muito sobre o assunto relacionado às famílias, querendo terminar logo para poder realizar outra atividade.

Na quarta Unidade de Produção (Figura 1)<sup>6</sup>, que lhe foi dado a consigna *Desenhe sua família*, contou que estava andando pela floresta, seus pais o encontraram e pediram para ficar com ele. Ao realizar-se o inquérito, buscando investigar mais sobre o desenho e a história, Davi demonstrou irritação, ameaçou raivosamente quebrar o lápis de cor ao meio, o que de fato cumpriu, porém logo em seguida sentiu-se culpado e buscou uma reparação perguntando se daria para consertar o lápis. Winnicott (1987/1999) destaca que a ambivalência entre amor e ódio é essencial para o aprendizado da reparação e também para o desenvolvimento dos sentimentos, visto que a partir da agressão e do ódio a criança pode sentir culpa e reparar; o autor coloca “sem uma pessoa a quem possa amar e odiar, a criança não pode chegar, a saber, amar e odiar a mesma pessoa e, assim, não pode descobrir seu sentimento de culpa nem o seu desejo de restaurar e recuperar” (p. 63).

---

<sup>5</sup> A fim de ser fiel a grafia original utilizada por Trinca em 1972, manteve-se o termo “estórias” no título do procedimento e ao longo do texto quando se trata das histórias contadas pela criança no DF-E.

<sup>6</sup> Os títulos apresentados nas figuras foram dados pela própria criança para as unidades de produção no DF-E.



Figura 1. *A família Ratoui*

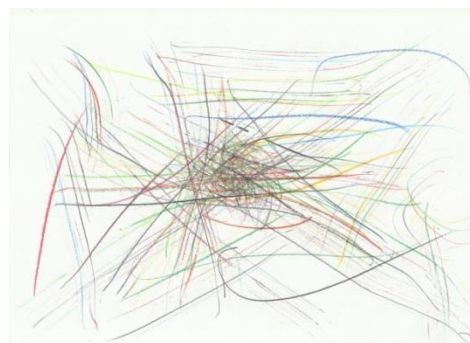


Figura 2. *A família de poderes*

Na Unidade de Produção (Figura 2), com a consigna “*A família que você gostaria de ter*”, Davi relatou “*Isso é uma família e não tem nenhuma estória. Ela é com poderes. Você viu o ‘Lar das crianças peculiares’? São famílias peculiares*”. Enquanto realizava o desenho ele disse que queria ter uma “família borrada”, essa colocação foi retomada na próxima sessão e Davi explicou que uma família borrada era aquela que não tinha direito de cuidar da criança e citou como exemplo sua mãe consanguínea, dizendo que ela não pôde ficar com ele porque não tinha dinheiro e condições de criá-lo. Dentro do processo compreensivo e interventivo, foi possível colocar para a criança que uma “família borrada” parecia ser uma família em se quer apagar a história, e ao indagar sobre qual seria a história a ser apagada, a criança pôde expressar então sobre o desejo de apagar que a família não pôde criar o filho, e ao ser questionado sobre como apagaria essa história, contou que iria mandá-los trabalhar para ter dinheiro e poder ficar com ele, e que então a estória seria toda diferente, pois a família consanguínea ficaria com ele e não teria estória, relatando que “*ia ser uma família de verdade*”. Davi demonstrou, então, não ter elaborado ainda sua separação da família consanguínea, sentindo também que sua família substituta não é uma família de verdade, o que de fato parece vir ao encontro da realidade, visto que seu pai não se envolve muito, sendo um pai que está presente fisicamente, mas não se mostra



presente afetiva e subjetivamente, não assumindo a função de pai, como foi possível perceber na Sessão Lúdica com Davi, citada anteriormente.

### **Brenda e Luna: irmãs consanguíneas a bordo de uma nova família**

Luna e Brenda são irmãs consanguíneas e foram adotadas por sua família substituta aos cinco e três anos respectivamente. Apesar de diversos episódios de negligência por parte dos genitores para com as meninas, o Juiz da Infância retardou em retirar-lhes o poder familiar, uma vez que na cidade pequena em que moravam não existia instituição de acolhimento, o que o levou a dar novas chances aos genitores. O magistrado decidiu disponibilizá-las para a adoção depois de várias tentativas infrutíferas para que vivessem sob os cuidados dos pais consanguíneos. Sabe-se, a partir do relato dos pais por adoção, que a mãe consanguínea teve vários filhos, contudo Luna e Brenda foram as que mais conviveram com a genitora e, portanto, as que mais sofreram negligência. Os demais filhos que vieram a ser gerados posteriormente foram colocados para a adoção logo que nasceram em função do conhecimento da equipe psicossocial do município sobre a incapacidade da genitora dispensar cuidados adequados às crianças. A família vivia em uma casa tomada por ocupação, na qual circulavam muitas pessoas usuárias de drogas, as quais várias vezes mantinham relações sexuais na presença das crianças.

Antes de serem inseridas na família substituta, Brenda e Luna ficaram em torno de dez dias em uma creche. Como a família substituta morava em outro município quando da adoção das crianças, o juiz autorizou que elas pudessem ser imediatamente inseridas na nova família, não participando, portanto, do estágio de convivência, sendo transferidas para a nova residência no mesmo dia em que conheceram seus pais.

A família substituta de Brenda e Luna é composta por elas, acrescida do pai Gael, a mãe Ana e o irmão João, que tem dez anos e é filho consanguíneo do casal. Ana e Gael destacaram ao

longo da entrevista que sempre pensaram em ter filhos por adoção, mas também consanguíneos, pois Ana ressaltou que tinha também o desejo de vivenciar a gravidez. Após o nascimento de João, Gael descobriu ser portador de uma síndrome que poderia ser transmitida geneticamente se tivessem outros filhos, então como anteriormente já sonhado, optaram por realizar a adoção, sendo que a decisão pela adoção de grupo de irmãos – caso de Brenda e Luna – foi tranquila para o casal visto que já haviam conversado longamente a respeito quando discutiam sobre o assunto adoção.

Brenda, que atualmente tem nove anos e foi adotada aos três, relatou não se lembrar muito de como era a convivência com sua família de origem, porém de acordo com Ana e Gael, Brenda viveu um momento de luto pela família originária quando adentrou a família substituta: *“Lá bem no início, a gente sente que ela teve o sofrimento, aquela questão mesmo né? De não entender o que estava acontecendo”* (Ana). O casal destacou que as filhas não sabiam o que era adoção e que só lhes foi explicado, pela equipe psicossocial da comarca em que residiam, no dia em que seriam adotadas e que, por esse motivo, acreditam que Brenda demorou a compreender. Os responsáveis destacaram que Brenda não relata lembrança nenhuma da mãe consanguínea, mas que tem lembranças afetivas do pai cozinhando para ela, assim como deles comendo juntos. O alimento mais uma vez aparece, nesta outra família, como um ponto importante na história de vida, facilitando o elo que as une. Para além do que os pais narram, na Sessão Lúdica de Brenda há o relato de que *“antes comia uma melancia inteira e que agora come somente um pedaço”*, o que nos remete ao fato de atualmente sentir-se simbolicamente abastecida de afeto, o que foi observado em suas produções do DF-E. Nessas apresenta muitas histórias relacionadas à refeição em família, como ocorre na primeira Unidade de Produção (Figura 3) *“Uma Família Qualquer”*:

*Era uma vez uma família, a mãe se chama Catarina, o pai chamava Jorge, sua filha mais nova se chamava Júlia e sua filha mais velha se chamava Sara. Um dia saíram para*

*passar e encontraram um peixe gigante no rio, então foram comer no restaurante. Então Sara comeu arroz, peixe sem espinho e salada com bastante limão; Júlia comeu arroz, tomate; Jorge comeu arroz, feijão, peixe e salada; Catarina comeu arroz, lasanha e salada. E de sobremesa foi um picolé para cada um. Então sua tia chegou e disse “que bom encontrar vocês” e foram passear. Passearam em Peirópolis, no Balbec e no shopping. Do shopping foram para casa e dormiram. (Brenda, 1º DF-E)*

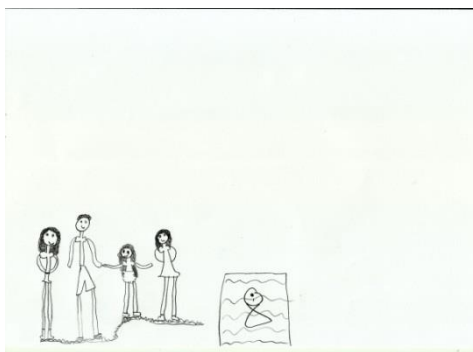


Figura 3. *A família que gosta de passear*

Nessa produção Júlia (a personagem), que é a filha menor, assim como Brenda que a é a filha caçula em sua família, é a que menos come, o que remete que antes Brenda precisava “comer uma melancia inteira” para preencher o vazio que existia, e hoje, com sua nova família que cuida e oferece apoio e amor, somente um pedaço da melancia lhe satisfaz, assim como Júlia (na estória) fica satisfeita comendo pouco. Nesse sentido, Winnicott (1936/2000) destaca que são diversos os modos de o apetite/alimentação vincular-se contra a depressão e a ansiedade, logo na família consanguínea de Brenda não havia um ambiente seguro e acolhedor, o que gerava ansiedade e se correlacionava a uma alimentação em exagero, como se a criança necessitasse guardar suprimentos para quando precisasse – assim como um urso que hiberna –, diferente do que ocorre em sua atual família. Ademais a estória do DF-E também retrata a individualidade de cada um, o que vai ao encontro ao que os pais relataram na entrevista, ao explicar que antes os

três filhos faziam tudo juntos, mas que atualmente realizam atividades separadas de acordo com o que é importante para cada um.

Ainda na terceira Unidade de Produção do DF-E (Figura 3), Brenda desenhou um chão firme e elevado para colocar as filhas, de forma a dar sustentação, supostamente indicando que sente que sua família lhe dá segurança. No terceiro encontro isso foi apontado para Brenda e ela colocou que na sua nova família tem pessoas que lhe dão atenção, comida de verdade e amor, o que também vai ao encontro do que Ana e Gael relataram na entrevista sobre os sentimentos que Brenda nutre pela família, destacando que acreditam que ela se sente protegida e amada e que tem uma autoestima elevada, se aceitando como de fato é; o que também foi reiterado pela produção do DF-E de Brenda, no qual as filhas retratadas possuem o cabelo enrolado, assim como o cabelo real da mãe por adoção, demonstrando uma identificação com a figura materna. Porém ela também se mostra próxima a figura paterna, como observado no desenho em que o pai e a filha menor estão de mãos dadas. Brenda relatou na Sessão Lúdica que aos sábados à tarde, dorme de mãos dadas com o pai, exatamente como fez no desenho intitulado A família que gosta de passear.

É interessante notar que nesse desenho encontram-se apenas duas meninas, que podem ser a representação de Brenda e sua irmã Luna, demonstrando maior proximidade entre as duas, o que também foi relatado na Sessão Lúdica de Brenda ao dizer que no início tinha maior ligação apenas com a irmã, pois a conhecia melhor, mas que posteriormente também se tornou próxima ao irmão. Na terceira sessão, quando foi possível intervir junto à participante de que a família do desenho se parecia muito com a dela, Brenda pôde apontar que parecia um pouco, pois naquela família retratada faltava o seu irmão; expressando em seguida que sua família sem o irmão seria incompleta, demonstrando que possui uma boa relação com o irmão, como os pais mencionaram na entrevista. Inclusive os pais também relataram a grande cumplicidade que as irmãs tinham no

início – que possuíam uma comunicação pelo olhar –, narrando que tiveram dificuldade em compreender essa comunicação entre as filhas, mas que hoje, apesar de ainda existir esse predomínio do olhar entre as duas, é algo que reduziu bastante, e que atualmente se comunicam com irmão e os pais através da expressão oral.

Ana e Gael apontaram ao longo da entrevista que Luna cuidava de Brenda, assumindo o papel de mãe, protegendo a irmã mais nova, e que esse foi um dos maiores desafios enfrentados por eles, pois precisaram mostrar à Luna que ela não necessitava mais assumir o papel de mãe, pois possuíam pais para cuidar delas, podendo assumir, então, o seu real papel de filha. O casal destacou que Luna exige mais deles, sendo que no início a filha demorou a entender que aquela seria sua família, ressaltando que qualquer pessoa que a tratasse de forma mais afetuosa ela já ligava ao fato dessa pessoa poder vir a ser sua mãe/pai: “*E todo mundo que chegava e a tratava com mais carinho, ela logo perguntava ‘Você vai ser minha mãe? Você vai me levar?’*” (Ana). O que remete a falta que Luna sentia de um ambiente seguro e acolhedor com sua família consanguínea, tendo sido de extrema importância a forma como os pais reagem, ao explicar-lhe e acolher o desamparo por ela vivenciado. Ana e Gael destacaram que percebem que Luna ainda não confia plenamente neles e que cria problemas a partir de questões que poderiam ser solucionadas de modo simples como uma forma de testá-los para ter a certeza de que a aceitam como ela é, salientando que acreditam que a filha possui uma dificuldade maior em se aceitar e se mostrar, buscando sempre agradar o outro e fazer aquilo que esperam dela.

Importante ressaltar que o período de adaptação da criança que vivenciou o processo de adoção passa por fases, sendo que em um primeiro momento há um encantamento, em que a criança encontra-se feliz por sair da instituição e os pais/responsáveis estão apaixonados pela criança (Andrei, 2001). Nesse período pode surgir o falso *self*, que pode não ser superado se a criança não sentir confiança para se mostrar verdadeiramente. Nesse caso a criança sente que

necessita adaptar-se aquilo que acha que o ambiente espera dela, não podendo desenvolver sua personalidade nuclear e verdadeira, fazendo com que a parte impulsiva do *self* não se integre à estrutura psíquica (Levinzon, 2006). Essa situação descrita na literatura assemelha-se ao que os pais relataram sobre Luna buscar sempre agradar outras pessoas, todavia, atualmente, segundo os pais, já consegue se mostrar verdadeiramente e inclusive testando o amor deles algumas vezes, fato que é corriqueiro na segunda fase da adoção quando surge a raiva e a decepção, o período em que a criança diz “não” na tentativa simbólica de refazer e controlar sua vida. Trata-se da fase em que a criança testa o amor dos responsáveis e dependendo da maturidade destes, esse período pode ser superado ou levar a devolução da criança (Andrei, 2001).

Na terceira fase da adoção a criança entende que encontrou uma família e refaz os pedaços de vida. Trata-se de um período de regressão em que a criança pode voltar a fazer xixi, pedir para mamar, entre outros comportamentos. E por último o momento do “*insight* amoroso” em que a criança percebe que aqueles são seus pais/responsáveis e estes vislumbram que a criança irá crescer, viver e se tornar um adulto (Andrei, 2001).

No terceiro encontro com Luna foi interessante notar que quando foi pedido para que ela se descrevesse, dizendo como se via, não relatou sobre características físicas nem subjetivas, mas destacou informações sobre sua família, sobre quem eles são, o que se relaciona à informação que os pais trouxeram sobre a dificuldade em se aceitar, mas que também demonstra a grande importância da atual família em sua vida. Winnicott (1987/1999) ressalta que quando se constrói um *lar* para a criança, você dá um mundo em que ela pode compreender e acreditar nas ocasiões em que o amor falha, ou seja, a criança se irrita, o que é normal, porém quando existe o sentimento de “estar em família”, o relacionamento entre a criança e os adultos (pais/mães) pode sobreviver aos desentendimentos, à falta do amor.

Na quarta unidade da produção, a partir da consigna “*Desenhe a sua família*”, Luna a representou no céu (Figura 4), como sendo uma família acolhedora, feliz e completa, pois tem paz, amor e harmonia, sendo possível apontar-lhe que parecia se sentir nas nuvens com sua família, o que foi confirmado por ela.

*Era uma vez um casal que tiveram um menino chamado João, só que eles queriam ter mais filhos então eles adotaram duas meninas, uma chamada Luna e a outra chamada Brenda... Eles moravam em V., depois eles se mudaram para U., fizeram novos amigos em U., o casal conseguiu arrumar emprego na mesma cidade, porque antes a esposa trabalhava em outra cidade, aí ela conseguiu trabalhar aqui no F. o esposo é professor na Universidade, as crianças estudam na C. e eles tinham uma cachorra chamada Lica, mas ela infelizmente morreu e hoje eles vivem muito bem, numa casa muito legal, tem amigos... É, eles vivem muito bem. (Luna, 4º DF-E)*



Figura 4. *A melhor família do mundo*

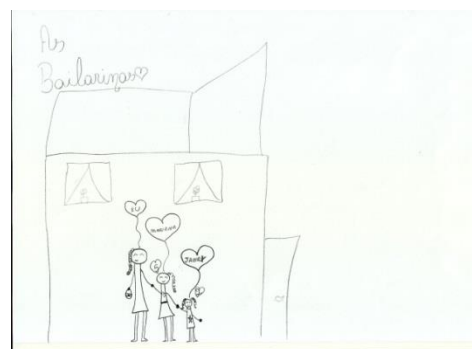


Figura 5. *As bailarinas*

Em relação à família de origem Luna expressou grande desejo de voltar a reencontrá-los e contar-lhes o que aconteceu em sua vida desde que saiu do convívio com eles, demonstrando confiança em sua família substituta, aquela na qual se sente verdadeiramente pertencente, relatando que iria até a família de origem, conversaria com eles e voltaria para sua família atual. Ana também relatou que percebe esse anseio da filha, tratando com naturalidade e colocando que

sempre conversa sobre a família consanguínea quando Luna apresenta necessidade. Além disso, Ana relatou que recebeu uma foto da mãe consanguínea de suas filhas e que lhes mostrou, e que ao perguntar-lhes o que gostariam que fizesse com a fotografia, Luna pediu para a mãe guardar. O pedido foi atendido e Ana contou que algumas vezes Luna pede para ver a foto, fato que acredita ser de extrema importância para a filha, pois Luna tinha uma imagem da mãe consanguínea como uma bruxa, de unhas grandes, descabelada e com uma cobra saindo do peito, e que por muitas noites a filha teve pesadelos com essa imagem.

Logo, apesar do desejo que Luna apresenta em reencontrar a família de origem, sua segunda Unidade de Produção “*A família que gostaria de ter*” (Figura 5), transpareceu a necessidade que tinha de ser protegida e cuidada pela mãe.

*Era uma vez uma bailarina que viajava o mundo todo e ela era muito feliz e queria começar uma família, mas a geração de homens naquela época era horrível, então ela decidiu não namorar e não casar, mas ela queria filhos, então ela foi, fez um currículo de adoção e ela adotou uma menina chamada Gabi e outra menina chamada Jade e as duas também queriam ser bailarinas e as três dançam no palco juntas. (Luna, 2º DF-E)*

Diferentemente da irmã Brenda que guarda uma imagem afetiva do pai, para Luna, a imagem do pai consanguíneo é de um homem mau, que batia em sua mãe, não ajudava a família e as filhas. A figura do homem mau foi recorrente nas falas de Luna, que destacou em todas as sessões que “*a geração dos homens de hoje é ruim*”, sendo que na terceira sessão, a interventiva, explicou o significado dessa expressão: relatou que os homens ruins são machistas, mal-educados, destacando que a bailarina no DF-E não queria se casar para proteger as filhas de serem abusadas. O que levanta a hipótese de Luna ter sofrido algum abuso, visto que Ana e Gael informaram que a filha relatou recentemente que seu pai consanguíneo chegou a tocá-la de forma íntima uma vez, mas que sua mãe interferiu – visto que dormiam os três na mesma cama e que



provavelmente ela presenciava cenas de sexo na casa em que morava –, remetendo a mãe que protege as filhas no desenho.

É possível assinalar que Luna, por ter convivido mais tempo com a família de origem do que a irmã Brenda, apresenta maiores marcas dessa convivência e por isso maiores dificuldades em confiar plenamente no ambiente (sua atual família), todavia observa-se que está em processo de desenvolvimento dessa confiança, pois, se identifica com o núcleo familiar e vê que os pais suportam seus ataques/testes, o que a faz sentir-se pertencente à família, trazendo-a como uma das principais características de sua vida, aquela que sinaliza quem ela é.

### **Isa e Mel: irmãs por adoção em uma família de mulheres**

Isa foi adotada aos dois anos e sete meses, tendo já nascido em uma instituição de acolhimento, haja vista que sua mãe consanguínea, com 16 anos na época de seu nascimento, também se encontrava acolhida, tendo engravidado quando das saídas para fazer cursos extras fora da instituição. Logo, o pai de Isa era desconhecido e a mãe abriu mão da filha quando esta nasceu. Isa ficava em uma instituição de acolhimento diferente da mãe, tendo sido amamentada com leite materno apenas três vezes.

Quando contava um ano e nove meses Isa vivenciou uma primeira tentativa frustrada de adoção, uma vez que três meses depois foi devolvida pela adotante ao ser informado em uma consulta médica que Isa tinha uma mutação no cromossomo 17 que causa problemas como rinite e bronquite, ou seja, uma doença tratável. Três meses após a devolução, Isa conheceu sua família atual que na época da adoção era composta somente por suas duas mães, Rosa e Maya, as quais posteriormente vieram a adotar mais uma criança, Mel; sendo que hoje a família é composta pelas duas mães e as duas filhas.

Rosa destacou ao longo da entrevista que sempre quis adotar uma criança e que entrou com o processo de adoção quando ainda era solteira, mas seus pais ficaram doentes e o plano foi adiado, para que pudesse se dedicar mais aos cuidados deles. Passados cinco anos, casou-se com a Maya que também desejava ser mãe por adoção visto que havia retirado o útero devido à endometriose, o que impossibilitava uma fertilização *in vitro*, e, após três anos de união conjugal, entraram com o processo de adoção. O casal destaca que o processo de adoção foi complicado, pois era o primeiro casal do mesmo sexo que adotaria na cidade na qual viviam, então tiveram um estágio de convivência longo com Isa, ficando quase dois meses visitando a criança na instituição de acolhimento todos os dias, visto que o juiz demorou a dar a autorização para a guarda. Quando Isa passou à condição de filha, Maya ficava com ela pela manhã e Rosa no período da tarde; depois Rosa saiu do emprego e passou a ficar em casa em tempo integral, sendo que Maya destacou que Isa é mais acostumada com a ausência dela devido sair para trabalhar todos os dias, mas que quando Rosa sai, Isa fica sempre perguntando pela mãe Rosa. Nos desenhos de Isa essa proximidade maior com Rosa também se evidenciou, visto que Rosa apareceu em todos os desenhos da filha enquanto Maya foi retratada somente em alguns, e naqueles em que estava presente era sempre uma figura posterior a Rosa. Na terceira Unidade de Produção de Isa “*Uma família em que alguém não está bem*” (Figura 6), ela contou uma estória relacionada à Rosa:

*Era uma vez a mamãe Rosa, e eu e a Mel. Eu, a Mel e a mamãe Rosa foi para um lugar ‘distendente’. ‘Distendente’ é onde a gente foi, o médico. A mamãe Rosa ficou com dor de barriga e a mamãe Maya falou para consultar ela, e estava tudo ótimo. E um dia eles teve de fazer um animal qualquer. Por isso que eles foi fazer, e eles fez. E eles fez um animal chamado passarinho e um cachorro. Fim. Mas este passarinho chama passarinha porque era uma menina e a cachorra chama Dona Lalinha. Só isso, terminei. (Isa, 3º DF-E)*



Figura 6. *Nenhum, nenhum mesmo. Não sei, deve ser que tem cara de jacaré.*

Ao notar o título que Isa dá para sua produção, sinalizando que não sabe como nomear, é possível inferir que algo parece ter lhe incomodado, embora não tenha conseguido identificar o que seria que a incomodou. Porém é importante destacar que no DF-E apresentou uma casa composta só por mulheres, em que até os animais eram do sexo feminino, o que foi reafirmado pela criança na terceira sessão: que era uma casa somente de mulheres e que era legal ser só mulheres. Quando questionada como seria se houvesse homens, ela respondeu “*triste*”, repetindo várias vezes essa mesma resposta. Isa se identifica e sente-se pertencente a sua família, composta só por mulheres assim como a do desenho, contudo é interessante notar que, apesar de ter relatado que seria triste se houvessem homens na casa, ela apresentou na Sessão Lúdica o desejo de ter namorado, se casar no futuro, ter filhos – tanto homens quanto mulheres – e morar em outra casa com a família que constituirá.

*[...]ela continuou contando que tem muitos filhos, disse que um se chamava Gabriel, o outro Guilherme e que os outros ela não lembrava o nome, só dos homens, mas que eles faziam muita bagunça. [...]Ela disse que quando ela crescesse ia ter namorado e que não ia mais morar naquela casa, que iria casar, ter a casa dela e não iria mais morar naquela casa. (Relato Sessão Lúdica com Isa)*

Apesar de morar em uma casa somente de mulheres, Isa apresenta também a representação de família constituída por casais de sexo diferente, imaginando sua família no futuro dessa forma. Como as mães sinalizaram na entrevista, Isa tinha grande dificuldade em lidar com o sexo masculino, o que ficou transparente no seu terceiro DF-E (Figura 6) em que ela disse que se houvesse homens na casa seria triste, porém, como as mães também relataram, hoje ela consegue lidar bem com o sexo masculino, o que foi corroborado na Sessão Lúdica e nos desenhos em que contou ter amigos homens no colégio e que também falou sobre ter namorado e filhos do sexo masculino. Na Sessão Lúdica e também no DF-E, inclusive, Isa destacou que tem um filho chamado Gabriel, nome muito recorrente em suas brincadeiras e desenhos, dizendo que ele estava ao seu lado, mas que somente ela podia o ver, o que demonstra que consegue realizar brincadeiras de fantasias, com amigos fictícios e que a figura masculina está presente em seu imaginário. Logo, mesmo a figura masculina não existindo na família nuclear, é uma figura presente na sociedade, em outras constituições familiares, e na sua família extensa, sendo consequentemente uma figura que faz parte de sua vida e suas relações, como Lauz e Borges (2013) frisam, a representação familiar está ligada aos moldes experienciados pela criança, mas também às influências dos constructos sociais e da mídia.

Já Mel foi adotada quando tinha seis anos e dez meses e, apesar de ser a filha mais velha na família, foi adotada posteriormente à Isa, sendo que convive com todos os membros há um ano. Ficou acolhida por três anos, época em que três primos encontravam-se institucionalizados. Sua institucionalização partiu da observação de assistentes sociais que, ao visitar a família nuclear dos primos, observaram que Mel estava cada dia em uma residência diferente, sendo que sua genitora era acompanhada pelo judiciário há tempos, fato estendido a sua avó materna, conjuntura que sinalizava inconstância no cuidado da criança. Tanto a avó como a mãe de Mel, tornaram-se mães na adolescência, e não contavam com companheiros, algo comum em

adolescentes que perdem a guarda de seus filhos levando-os ao acolhimento institucional. A maioria das composições familiares das crianças institucionalizadas são monoparentais tendo a figura materna – muitas delas adolescentes – como responsável pela unidade familiar, sem a presença do pai consanguíneo na dinâmica da família (Buiati, Ferreira & Gontijo, 2013).

O casal destacou que quando adotou Mel já pensavam em ter um segundo filho, mas que ela foi adotada a partir de busca ativa, ou seja, o grupo de adoção da cidade que moram entrou em contato, pois havia uma criança com o perfil que buscavam – até sete anos de idade – disponível para adoção em outro município, e a partir dessa informação elas entraram em contato com o judiciário da cidade solicitando permissão para conhecer a criança, tendo retornado mais duas vezes àquele município para estreitar a convivência até obterem a guarda de Mel.

Rosa contou que no início Mel não nutria afeição por ela, que não a aceitava, e que isso teve que ser muito bem trabalhado, sendo que hoje as duas possuem uma boa relação. É interessante notar que também nos desenhos de Mel, Rosa sempre apareceu como a primeira figura, conforme sua segunda Unidade de Produção no DF-E “*Uma família que gostaria de ter*” (Figura 7), o que demonstra maior proximidade das filhas com Rosa, visto que é ela quem permanece em casa com as meninas durante o dia.

*Era uma vez uma menininha que morava no abrigo. Não, são duas menininhas que moravam no abrigo. Elas moraram até que um dia uma família de duas mães queria ter uma filha, mas a filha dessa família, a irmã, queria uma irmãzinha, então ela adotou uma irmã para sua filha. Essa família vivia feliz, feliz e a criança estudava, pintava e viveu felizes para sempre. (Mel, 2º DF-E)*



Figura 7. *Adoção de duas meninas feliz*

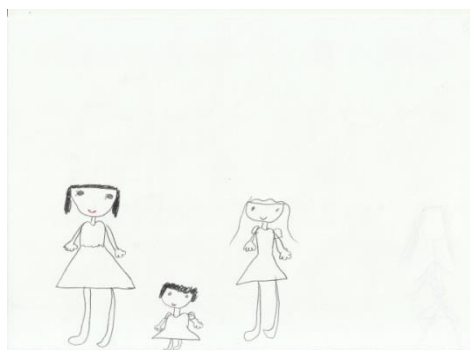


Figura 8. *Amizade*

Mel sente que adotaram uma irmã, mas não adotaram uma filha, como apresentou na sua produção. Esse ponto pôde ser sinalizado para ela na terceira sessão, em que reafirmou que adotaram uma irmã para fazer companhia à Isa. Mel encontra-se em processo de adaptação na família, não se sentindo ainda pertencente e integrada, como fica claro na quarta Unidade de Produção do DF-E “*Sua Família*” (Figura 8), em que ela não se colocou no desenho e quando indagada sobre o porquê, respondeu: “*Porque esse só precisava da minha família. F-A-M-Í-L-I-A*”, ou seja, não se inseriu no desenho, mas projetou a família como a vê, como se fosse uma fotografia da qual ela apenas olha, observa, mas não se coloca. Assim como Rosa e Maya destacaram na entrevista que ela ainda não se encontra totalmente adaptada uma vez que há apenas um ano começou a conviver com a família e há menos de um ano residem juntas, sendo que a adaptação e o sentimento de pertencimento é um processo; como o casal sinalizou na entrevista: o amor vai sendo construído. Nesse sentido, Winnicott (1987/1999) destaca que o mais comum é que a criança leve um tempo para se adaptar, visto que quando a criança se adapta imediatamente a um novo lar não significa que ela estará necessariamente bem, sendo que pode haver uma aceitação artificial e uma ilusão.

*Era uma vez uma família... Uma família que só tinha uma filha, e ela foi adotada, mas só que essa família vivia triste porque essa irmã brincava sozinha, então a irmã queria uma*

*irmãzinha. A família adotou então e a família ficaram felizes, as crianças brincavam, estudavam, aprenderam e então a família viveu feliz. Acabou. Já basta né? (Mel, 4º DF-E).*

O casal também destacou episódios relacionados à alimentação de Mel, que aparece novamente como um ponto importante em crianças que vivenciaram o processo adotivo. Rosa relatou que no início Mel tinha muitas dificuldades de aprendizagem na escola e que sofria para fazer as atividades do colégio, sendo que como havia uma dificuldade de relacionamento entre as duas, a criança estava mais vinculada à Maya. Um dia após Mel chorar por ter que fazer a lição de casa, Rosa narrou que a filha comeu dez coxas de frango e que teve que conversar seriamente com sua companheira, pois Maya estava recompensando a filha com comida. O alimento aparece mais uma vez, nessa participante, como forma de preencher um vazio.

*Essa menina pegou um picolé, sabe aquele desse tamanho, de três cores napolitano, que faz em sorveteira? Ela pegou esse picolé, ela fez assim oh e tirou o palito mesmo! Na hora que olhei assim, falei 'cadê o picolé?' [...] Quando ela chegou, a gente tinha uma mesinha, que até tá no nosso quarto, que ficava as frutas em cima, aí a gente saiu e fez compra de frutas, era umas quatro maçãs, aí ela comeu as quatro maçãs. (Rosa)*

Conforme a criança vai se integrando na família e encontrando um ambiente que a acolha e ofereça segurança para seu desenvolvimento, esse vazio vai sendo preenchido e a necessidade de comer exageradamente vai esvaindo. Ademais Rosa e Maya também frisaram que foi mais difícil adotar uma criança de praticamente sete anos comparado a adoção de uma criança de dois anos, visto que a personalidade de Mel estava mais estruturada e que os desafios foram maiores, sendo que no início, além da questão da comida, salientaram que Mel perdia seus materiais escolares, arrancava folhas do caderno, e que acreditam que fazia isso para chamar a atenção. Na verdade, infere-se que Mel testava as mães, testava seu amor para saber se suportariam suas agressões, pois ela já havia sofrido um abandono e esse abandono havia deixado marcas. Winnicott

(1986/1999) evidencia que uma criança que não experimentou o cuidado pré-verbal, a confiabilidade humana, é uma criança carente, que carece de amor e de manejo adequado; com crianças mais velhas carentes, os cuidadores podem conseguir fornecer cuidados domésticos visando superar essa falta de amor/confiabilidade, entretanto será mais difícil, pois a criança mais velha tem a necessidade de testar os pais, de verificar se esse amor suporta a destrutividade ligada ao amor primitivo, e caso os pais sobrevivam a essa destruição, eles serão amados por terem sobrevivido. No contexto de adoção é de extrema importância que os pais/mães compreendam que poderão vir a ser válvulas de escape dos impulsos da criança, e que o amor e ódio da criança serão direcionados para eles para garantir que sobreviverão apesar dos ataques (Machado, Ferreira, & Seron, 2015).

Faz-se importante ressaltar que apesar de mais desafiadora, todas as adoções tratadas neste estudo referem-se à adoção de crianças maiores, ou seja, crianças acima de dois anos, a qual a Lei 12.010 (Brasil, 2009) preconiza como aspecto importante a ser trabalhado com os pretendentes à adoção. Uma criança com mais de dois anos viveu experiências marcantes da institucionalização ou abandono e traz uma história difícil de ser absorvida e elaborada, porém é necessário ver essas crianças como crianças – como os pais/mães deste estudo fizeram –, e não com olhares preconceituosos por serem mais velhas, trata-se de vê-las como parte vital de um futuro mais humano (Andrei, 2001).

Outro ponto que se destaca no estudo relaciona-se ao motivo da realização da adoção. Apesar de todas as famílias relatarem o desejo pela adoção antes dessa ocorrer, é interessante notar que em todos os casos a opção por essa forma de maternidade/paternidade ocorreu devido, ou após a identificação de uma falta: Sofia não podia engravidar novamente, Gael descobriu uma grave doença que poderia ser transmitida geneticamente e Maya havia retirado o útero – apesar de existirem opções de reprodução humana para a companheira Rosa, como fertilização *in vitro* e



inseminação artificial, esses procedimentos têm custo elevado. Logo, apesar de a adoção vir sendo realizada por casais que já possuem filhos consanguíneos (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006), a infertilidade ainda se destaca como ponto importante na motivação pela adoção.

Enquanto estudo de caso coletivo, ressalta-se que as crianças participantes dessa pesquisa, independente de sua configuração de família, apresentaram uma representação familiar ligada a forma como vivenciavam a família e as funções familiares. A criança carrega em si o que vive em sua família, independente de quem seja essa família. Ademais, cada família mostrou-se como única, porém, importante frisar que o que torna o ambiente familiar acolhedor é o respeito ao ritmo e ao tempo de cada criança, independentemente de ser mãe/pai, pai/pai, mãe/mãe. Ficou evidente que deve-se respeitar a história de cada criança, ou seja, não se deve apagar os personagens que fizeram parte de história pregressa, mas é possível fazer um novo desfecho com esses personagens, criar uma nova história que complemente a antiga, mas que não a negue. Realça-se também como o papel do pai se fez importante em todos os casos discutidos, seja pela presença ou pela ausência: Davi não o tem presente, mas ressentido-se, Brenda sente saudades e quer a presença do pai, Luna não quer se aproximar, Isa quer casar com um homem e ter filhos (viver esse papel do pai), demonstrando assim o quanto a figura do masculino e feminino necessita de espaço para ser vivida em cada família.

### **Considerações Finais**

Este estudo teve como intuito investigar a representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família a partir do olhar da própria criança, além de também avaliar o amadurecimento emocional destas. Dessa forma, esta pesquisa metodologicamente qualitativa, ao ser realizada com as próprias crianças que vivenciaram o processo de adoção, avançou no sentido de possibilitar entrever a partir do olhar

delas mesmas a representação familiar que possuíam, além dos sentimentos e fantasias que as acometeram durante o processo de adoção, com a colocação em uma nova família.

O estudo de caso coletivo de crianças maiores adotadas em diferentes configurações familiares apresentou algumas características comuns: todas as crianças demandaram tempo de convivência para se adaptar à família, demonstrando que essa adaptação é um processo que depende de um ambiente seguro e acolhedor para que ocorra, sendo que dentro desse processo existem diversas fases (Andrei, 2001); a etapa de testar o amor de seus pais destacou-se em todos os casos como marcante, sendo que algumas crianças ainda estão no percurso de superação dessa fase. Além disso, ressalta-se a importância de se falar sobre a família de origem e de que a criança possa desenvolver a confiança para indagar e conhecer sua história, visto que quando há esse espaço a criança aproxima-se e identifica-se com o cuidador. Salienta-se ainda como ponto relevante observado nos casos, a ingestão de alimentos relatados pelos participantes, como uma significativa manifestação de penúria vivenciada com a família de origem. Para além da necessidade da gratificação alimentar propriamente dita, que se sabe ser real em crianças que passaram por todo tipo de privação nos primeiros anos de vida, os participantes desse estudo também percebiam a comida como uma forma de preencher o vazio, com o alimento assumindo muitas vezes a função de objeto transicional, ou seja, passando de alimento objetivamente percebido para o de alimento subjetivamente percebido, aquele que acalma, que é reparador do *ser*.

Pode-se inferir que as intervenções realizadas ao final do terceiro encontro, sustentadas na Sessão Lúdica e nas Unidades de Produção do DF-E, e, por sua vez respeitadas ao ritmo e à capacidade de assimilação de cada participante, parecem ter lhes possibilitado um encontro genuíno consigo mesmo, ao serem traduzidas, elaboradas e transformadas pela pesquisadora, inserindo-os no mundo humano da expressão dos afetos.

Ademais esse estudo de caso coletivo observou o desenvolvimento emocional de todas as crianças investigadas, visto que o ambiente tido como acolhedor e seguro do novo lar proporcionou as condições necessárias para o processo de amadurecimento. Isa vive há alguns anos com sua atual família e se identifica com ela, assim como Brenda; já Luna, apesar de ainda testar os pais, sente confiança no ambiente e evidencia a família como parte importante de si. Mel ainda não se sente pertencente ao grupo familiar, provavelmente devido ao pequeno tempo de convivência, mas caminha em direção a que isso possa vir a ocorrer, criando um ambiente que sobrevive a seus ataques e a acolhe. Davi, apesar da omissão afetiva do pai, encontra na mãe o ambiente seguro e terapêutico para desenvolver-se, identificando e aproximando-se dela.

Apesar do número pequeno de participantes que não permite generalizações, o estudo pôde destacar o funcionamento psicodinâmico dessas crianças e suas famílias, e direcionar aspectos que merecem realce no campo jurídico e psicológico da adoção. Dessa forma, confirma-se a importância do estudo de caso coletivo realizado ao permitir a compreensão dos casos para além da generalização (Stake, 2000); objetivando-se que as proposições teóricas trabalhadas possam orientar e serem aplicadas a outros contextos (Yin, 1984). Entende-se também que, dentre as diferentes configurações familiares estudadas, cada família é única e que são diversos os modelos e relações existentes, o que leva a importância de se conhecer cada família em sua particularidade e singularidade, compreendendo a dinâmica dela dentro de suas experiências, indo além de rótulos e generalizações que se fazem impensáveis quando se trata das variadas formas de relacionamento humano.

O estudo ressalta a necessidade de os pais/mães por adoção compreenderem que a criança adotiva tem uma história de abandono e sofrimento e que terá necessidades diferentes das crianças comuns, mas que ao encontrar uma nova família que a acolha e esteja disposta a atender suas necessidades, ela poderá desenvolver-se, vivendo uma história com alegrias e contratemplos

que fazem parte de qualquer ser humano comum. Contudo, destaca-se que o amadurecimento emocional de crianças que vivenciaram o processo de adoção necessita ainda ser melhor investigado, visto que seria de extrema relevância uma pesquisa longitudinal que pudesse acompanhar crianças que vivenciaram a adoção ao longo de seu amadurecimento.

Desse modo, a pesquisa incentiva a realização de novos estudos na área que possam retomar a temática abordada, investigando lacunas que não puderam ser preenchidas. Ademais, destaca-se a importância de se investigar não somente as famílias por adoção, mas as diferentes formas de ser família que compõem a sociedade humana, além da importância de dar voz as crianças e legitimar seus pensamentos e opiniões, reconhecendo-as como capazes de pronunciar sobre si mesmas, sua vida e suas experiências. O presente estudo possibilita que pais, mães e profissionais que trabalham com acolhimento/adoção possam ampliar o olhar para as relações das crianças em diferentes configurações familiares, desenvolvendo ações que visem buscar sempre o melhor para estas crianças que estão à procura de uma família e para os pais/mães que estão à procura de um filho.

### **Referências**

- Amazonas, M. C. L. A., Veríssimo, H. V., & Lourenço, G. O. (2013). A adoção de crianças por gays. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 631-641.
- Amorim, A. N., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 19(3), 179-188.
- Andrei, E. (2001). Uma promessa de realização: os desafios da adoção no Brasil. In: F. Freire (Org.). *Abandono e adoção: contribuições para uma cultura de adoção III* (pp. 105-118). Curitiba: Terra dos homens.

- Baptista, J., Soares, I., & Henriques, M. (2013). O impacto da adoção no desenvolvimento da criança. *PSICOLOGIA*, 27(2), 63-79.
- Barbieri, V. (2010). O psicodiagnóstico interventivo psicanalítico na pesquisa acadêmica: fundamentos teóricos, científicos e éticos. *Boletim de Psicologia*, 59(16), 209-222.
- Brasil (1990). *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 01 de junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)
- Brasil (2009, 4 de agosto). Lei n. 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção. Brasília. *Diário Oficial da União*, Seção 1. Recuperado em 02 de junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm)
- Brasil (2017). *Lei 13.509, de 22 de novembro de 2017: Dispõe sobre a adoção e altera o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 27 de novembro, 2017, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm)
- Buiati, P. C., Ferreira, A. T. B., & Gontijo, D. T. (2013). Caracterização dos processos de acolhimento institucional de grupo de irmãos. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*, 2(2), 69-83.
- Campos Matos, I., Alarcão, V., Lopes, E., Oiko, C., & Carreira, M. (2015). Estudo SAIMI – Saúde e acesso aos serviços de saúde dos imigrantes do subcontinente indiano em Lisboa: Que recomendações para cuidados de saúde equitativos e culturalmente adaptados? *Acta Médica Portuguesa*, 28(2), 164-176.
- Costa, L. F., & Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 221-230.

- Dias, E. O. (2008). A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza Humana*, 10(1), 29-46.
- Dilger, A. P. (2015). *Sobre a destrutividade nas relações amorosas: contribuições psicanalíticas de Freud e Winnicott*. Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1): 73-80.
- Garbar, C., & Theodore, F. (2000). *Famílias mosaico*. São Paulo, SP: Augustus.
- Gomes, K. (2006). A adoção à luz da teoria Winnicottiana. *Winnicott E-prints*, 1(2): 51-68.
- Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C., Brito, T. M. C., Oliveira, B. T. et al. (2008). Motivações dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 161-170.
- Hartman, A. (1994). Segredos na adoção. In: E. Imber-Black (Org.). *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 94-112). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hueb, M. F. D. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP*, 17(1): 28-38.
- Klein, M. (1981). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou (Original publicado em 1932).
- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4), 852-867.
- Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(1), 24-31.
- Levinzon, G. K. (2008). *A Criança Adotiva na Clínica Psicanalítica* (2ª ed.). São Paulo: Escuta.

- Loparic, Z. (1999). A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. *Infanto – Revista neuropsicológica da infância e adolescência*, 7(1): 8-41.
- Machado, L. V.; Ferreira, R. R.; & Seron, P. C. (2015). Adoção de Crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1), 65-81.
- Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativa em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49.
- Peiter, C. (2011). *Adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva*. São Paulo: Zagodoni.
- Piccoli, V. (2014). *A (in)efetividade da adoção monoparental no Brasil*. Monografia, Faculdade de Direito, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2002). Adoção: Fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. In: C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 89-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A. P., & Almeida, I. G. (2011). *O acolhimento institucional na perspectiva da criança*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, E. S. (2007). Winnicott e Heidegger: indicações para um estudo sobre a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana. *Natureza Humana*, 9(1), 29-49.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Homoparentalidade Masculina: Revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 572-582.
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2) 285-293.

- Silva, M. L., & Arpini, D. M. (2013). A nova lei de adoção: Desafios para a reinserção familiar. *Psicologia em Estudo, 18*(1), 125-135.
- Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp. 435-454). London: Sage.
- Tardivo, L. S. P. C. (1997). Análise e Interpretação. In: W. Trinca (Org.), *Formas de investigação clínica em psicologia* (pp. 115-156). São Paulo: Vetor.
- Tardivo, L. S. P. C. (2011). O procedimento de desenhos-estórias (D-E) e seus derivados: fundamentação teórica, aplicações em clínica e pesquisa. In: A. E. Villemor-Amaral, & B. S. Werlang (Orgs.), *Atualizações em Métodos Projetivos para avaliação Psicológica* (pp. 287-304). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Telingator, C. J., & Patterson, C. (2008). Children and adolescents of lesbian and gay parents. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 47*(12), 1364-1368.
- Trinca, A. M. T., & Becker, E. (1984). O pensamento clínico e a integração dos dados no diagnóstico psicológico. In: W. Trinca e colaboradores (Orgs.), *Diagnóstico psicológico: A prática clínica* (pp. 82-94). São Paulo: EPU.
- Trinca, W. (1984). *Diagnóstico psicológico: A prática clínica*. São Paulo: EPU.
- Trinca, W. (1997). Apresentação e Aplicação. In: W. Trinca (Org.), *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias* (pp. 11-34). São Paulo: Vetor.
- Vitorello, M. A. (2011). Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato de amor? *Psicologia da Educação, 32*(1), 7-24.
- Walsh, F. (2016). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. In: F. Walsh (Org.), *Processos Normativos da Família* (pp. 3-27). Porto Alegre: Artmed.
- Weber, L. N. D. (1999). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba, Juruá.



- Weber, L. (2010). *Pais e filhos por adoção no Brasil*. Curitiba: Juruá.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1986).
- Winnicott, D. W. (1999). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes. (Original publicado em 1987).
- Winnicott, D. W. (2000). O apetite e os problemas emocionais. In: D. W. Winnicott (Org.), *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 91-111). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1936).
- Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D. W. Winnicott (Org.), *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (2008). Duas crianças adotadas. In: R. Sheperd; J. Johns; H. T. Robinson (Orgs.), *D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças* (pp. 115-125). São Paulo, Artmed. (Original publicado em 1953).
- Winnicott, D. W. (2008). A adolescência das crianças adotadas. In: R. Sheperd; J. Johns; H. T. Robinson (Orgs.), *D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças* (pp. 131-140). São Paulo, Artmed. (Original publicado em 1955).
- Yin, R. K. (1984). *Case study research: Design and methods*. London: Sage.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A adoção destaca-se como uma possibilidade de a criança crescer em uma família que oferece afeto, sustentação e as condições necessárias para seu desenvolvimento. Winnicott formulou a teoria do “amadurecimento pessoal normal” com base na concepção de que todo ser humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento (Dias, 2003 p. 13). Dessa forma, o autor atribui grande importância ao papel do ambiente que está ligado a ideia de um espaço que propicie condições físicas e psicológicas para o viver do indivíduo, sendo que quando esse ambiente consegue fornecer condições que satisfaçam as necessidades do indivíduo para aquele período de amadurecimento em que se encontra, é considerado um meio ambiente perfeito, suficientemente bom (Serralha, 2016). Winnicott atribui ênfase em sua teoria às experiências vividas desde o momento inicial de vida, podendo retomar essas experiências em qualquer momento. Logo, o desenvolvimento de um bebê requer condições que vão além dos cuidados corporais, destacando que é necessário o cuidado amoroso para que o processo inato de amadurecimento ocorra (Winnicott, 1954/2008), o que deixa claro a importância de um ambiente acolhedor, seguro e que ofereça amor para que ocorra o desenvolvimento da criança, ambiente esse que pode ser encontrado em uma família ou em alguém que se identifique com a criança e possa oferecer tais condições a ela.

Além de a adoção vir ganhando cada vez mais destaque nas constituições familiares do século XXI, deixando de ser considerada uma filiação de segunda categoria, as diferentes configurações familiares também vem emergindo e ganhando legitimidade. Nesse contexto, as famílias constituídas por casais do mesmo sexo vêm se destacando e exigindo seus direitos, como o da parentalidade. Frisamos, mais uma vez, a importância de se olhar as diversas configurações familiares sem categorizá-los, mas buscando apreendê-los em sua singularidade, compreendendo

que cada família, assim como as pessoas que a compõem e a forma de se relacionarem é única. A partir desta contextualização, destacamos a relevância da presente Dissertação – composta por dois estudos – que permitiu agregar discussões no campo do desenvolvimento emocional do filho por adoção, assim como das diferentes configurações familiares, destacando, em especial, a parentalidade a partir da adoção por casais do mesmo sexo. Discursos de que crianças filhas de casais do mesmo sexo apresentariam prejuízos em seu desenvolvimento devido à ausência de referência de um dos pais/mães ainda fazem-se presente em alguns domínios, como religiosos ou éticos-morais (Araújo et al., 2007; Farr, Forssell, & Patterson, 2010). Contudo, o estudo empírico realizado nesta Dissertação pôde destacar que as crianças participantes que vivenciaram o processo adotivo, independente da constituição de família, possuem uma representação familiar influenciada não só pela família nuclear, mas também pelas outras configurações de família que conhecem e convivem, a partir da família extensa e da influência da mídia e sociedade, fato que demonstra que a representação familiar das crianças vai além das configurações familiares da qual fazem parte.

Dessa forma, esse estudo permitiu refletir sobre o amadurecimento emocional de crianças que vivenciam a adoção, e a relevância destas crianças/adolescentes poderem ser acolhidos e crescerem em uma família, visto que, como o Estudo 1 destacou, por melhor que uma instituição de acolhimento seja, ela não possui condições de se dedicar as demandas individuais de todas as crianças que lá se encontram. Nesse sentido, urge a importância de se olhar para essas crianças, reconhecê-las como sujeitos de direitos e que necessitam serem ouvidas, uma vez que têm muito a dizer. A partir do processo compreensivo e de intervenção, realizado no Estudo 2, foi possível escutarmos essas crianças e oferecermos uma devolutiva as mesmas, reconhecendo-as como capazes de falar, de ouvir, de sentir e de elaborar. E para além de serem ouvidas, esse Estudo

permitiu também que as crianças pudessem experienciar um encontro verdadeiro, acolhedor e único.

Apesar de muito se conhecer e estudar sobre a teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, chama-nos à atenção a limitação de estudos recentes relacionando a teoria winnicottiana à adoção de crianças ou adolescentes. Reconhecemos que a adoção ainda é um campo científico relativamente novo, apesar dessa modalidade de parentalidade existir desde os primórdios da humanidade. Se antes foi considerada uma filiação de segunda categoria, sendo muitas vezes escondida pelas famílias; recentemente vem vencendo preconceitos (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006) e sendo abertamente discutida e estudada. Mais recente ainda é a adoção realizada por casais do mesmo sexo, que a partir do vácuo que a Lei 12.010 (Brasil, 2009) deixa sobre essa modalidade de adoção, passou a se efetivar a partir do reconhecimento pelo Supremo Tribunal Federal, no ano de 2011, da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Esse reconhecimento foi reforçado em 2013 a partir da proibição do Conselho Nacional de Justiça de que os cartórios recusassem realizar o casamento civil dessas pessoas (Cecílio, 2017), fato que deu visibilidade a união de pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, associamos então, as poucas contribuições de pesquisas sobre o tema, às dificuldades de recrutamento de participantes, visto a atualidade desses marcos, e ao tempo e trabalho que é demandado da família para que a criança participe de pesquisas que a inclui como sujeito ativo. Ademais, os estudos empíricos são mais difíceis com crianças mais novas, talvez em função dos instrumentos de medida psicológica disponíveis para esta faixa etária, ou ainda pela pouca emergência de sintomas, visto que as crianças mais velhas apresentam mais queixas do que as mais novas.

Nesse contexto, destacamos que seria de extrema relevância que pudessem ser realizados estudos longitudinais com famílias que vivenciaram o processo de adoção, visando acompanhar o amadurecimento emocional das crianças ao longo dos anos e buscando compreender a

representação familiar destas em diferentes configurações de família, obtendo, assim, maiores informações sobre as fases da adoção, as dificuldades e alegrias do processo, o sentimento de pertencimento da criança à família, as diferenças e semelhanças entre adoções de crianças maiores e adoções convencionais, entre outros dados relevantes. Frisamos também que no estudo empírico desta Dissertação (Estudo 2) somente crianças maiores compuseram os participantes da pesquisa, fato que vai ao encontro do estudo de Revisão Integrativa da Literatura (Estudo 1), no qual os estudos empíricos localizados também foram realizados somente com crianças adotadas após os dois anos de idade, o que nos leva a refletir sobre a importância de se pesquisar também as adoções convencionais, ou seja, adoções de crianças menores de dois anos, que muitas vezes são vistas a partir do mito de serem mais fáceis de ser conduzidas, porém mais difíceis de se conseguir adotar, haja vista que a maioria das crianças disponibilizadas para a adoção no Brasil são crianças maiores.

Por fim, salientamos que ao longo da coleta de dados, as dinâmicas familiares, a forma como lidavam com a adoção e os integrantes da família apresentaram-se como singulares e únicos; contudo, por outro lado, muitas dificuldades relatadas pelos pais/mães se assemelhavam em todas as famílias participantes, o que demonstrou que a adoção, apesar de diferir de família para família, possui aspectos coincidentes, ressaltando, assim, a importância desses pais/mães possuírem apoio e espaço para compartilhar experiências – o que pode se dar a partir de grupos de apoio à adoção – podendo ser acolhidos e ouvidos. Todas as famílias vivenciaram e ainda vivenciam dificuldades, e apesar dessas adversidades diferirem em cada contexto, ficou claro que a adoção precisa ser refletida, preparada e que em muitos momentos será necessário buscar ajuda.

A adoção é mais uma forma, dentre as existentes, de filiação, mas é necessário frisar que é uma filiação distinta da consanguínea, não sendo melhor ou pior, mas sim diferente. É imprescindível que essa diferença seja reconhecida e legitimada, e que os pais/mães possam se

encontrar abertos para dialogar com os filhos, entendendo que uma criança que vivenciou o processo adotivo carrega uma história, passou por privações ou de-privações, mas que isso não a impede de amar, adaptar-se, desenvolver-se e sentir-se pertencente a uma família. Enfim, o estudo com crianças, filhas por adoção em diferentes configurações familiares, permite-nos parafrasear o poeta Carlos Drummond de Andrade: “Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar”.

## REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Alvarenga, L. V., & Bittencourt, M. I. G. F. (2013). A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando Famílias*, 17(1): 41-53.
- Amazonas, M. C. L. A., Veríssimo, H. V., & Lourenço, G. O. (2013). A adoção de crianças por gays. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 631-641.
- Amorim, A. N., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 19(3), 179-188.
- Andrade, C. D. (2002). Igual-Desigual. In: C. D. de Andrade, *A paixão medida* (pp. 77). Rio de Janeiro: Record. (Original publicado em 1980).
- Andrei, E. (2001). Uma promessa de realização: os desafios da adoção no Brasil. In: F. Freire (Org.), *Abandono e adoção: contribuições para uma cultura de adoção III* (pp. 105-118). Curitiba: Terra dos homens.
- Araújo, L. F., Oliveira, J. S. C., Sousa, V. C., & Castanha, A. R. (2007). Adoção de crianças por casais homoafetivos: Um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 95-102.
- Baptista, J., Soares, I., & Henriques, M. (2013). O impacto da adoção no desenvolvimento da criança. *PSICOLOGIA*, 27(2), 63-79.
- Barbieri, V. (2010). O psicodiagnóstico interventivo psicanalítico na pesquisa acadêmica: fundamentos teóricos, científicos e éticos. *Boletim de Psicologia*, 59(16), 209-222.
- Bento, R. (2008). Família substituta: uma proposta de intervenção clínica na adoção tardia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2): 202-214.
- Bicca, A., & Gryzybowski, L. S. (2014). Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. *Contextos Clínicos*, 7(2): 155-167.

Brasil (1990). *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 01 de junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)

Brasil (2009, 4 de agosto). Lei n. 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção. Brasília. *Diário Oficial da União*, Seção 1. Recuperado em 02 de junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm)

Brasil (2017). *Lei 13.509, de 22 de novembro de 2017: Dispõe sobre a adoção e altera o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 27 de novembro, 2017, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm)

Buiati, P. C., Ferreira, A. T. B., & Gontijo, D. T. (2013). Caracterização dos processos de acolhimento institucional de grupo de irmãos. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*, 2(2), 69-83.

Campos Matos, I., Alarcão, V., Lopes, E., Oiko, C., & Carreira, M. (2015). Estudo SAIMI – Saúde e acesso aos serviços de saúde dos imigrantes do subcontinente indiano em Lisboa: Que recomendações para cuidados de saúde equitativos e culturalmente adaptados? *Acta Médica Portuguesa*, 28(2), 164-176.

Cecílio, M. S. (2017). *Adoção por casais do mesmo sexo: concepções e experiência de profissionais que atuam no judiciário*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.

Conselho Nacional de Justiça (2015). *Tempo dos processos relacionados à adoção no Brasil: Uma análise sobre os impactos do poder judiciário*. Recuperado em 01 de outubro, 2016, de



<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/07/8aab4515becd037933960ba8e91e1efc.pdf>

- Costa, L. F., & Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 221-230.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dias, E. O. (2008). A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza Humana*, 10(1), 29-46.
- Dilger, A. P. (2015). *Sobre a destrutividade nas relações amorosas: contribuições psicanalíticas de Freud e Winnicott*. Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1): 73-80.
- Farr, R. H., Forssell, S., & Patterson, C. J. (2010). Parenting and child development in adoptive families: Does parental sexual orientation matter? *Applied Developmental Science*, 10, 164-178.
- Ferreira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2): 136-142.
- Garbar, C., & Theodore, F. (2000). *Famílias mosaico*. São Paulo, SP: Augustus.
- Goldberg, A. E., & Smith, J.Z. (2013). Predictors of Psychological Adjustment in Early Placed Adopted Children With Lesbian, Gay, and Heterosexual Parents. *Journal of Family Psychology*, 27(3): 431-442.
- Gomes, K. (2006). A adoção à luz da teoria Winnicottiana. *Winnicott E-prints*, 1(2): 51-68.

- Gomes, K. P. S. (2008). O manejo da criança adotada a partir da Teoria Winnicottiana. *APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, 4(11): 223-239.
- Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C., Brito, T. M. C., Oliveira, B. T. et al. (2008). Motivações dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 161-170.
- Hartman, A. (1994). Segredos na adoção. In: E. Imber-Black (Org.). *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 94-112). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hueb, M. F. D. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP*, 17(1): 28-38.
- Hueb, M. F. D., Farinelli, M. R., Azôr, A. M. G. C. C. V., Cordeiro, E. G., & Ferreira, A. T. D. (2015). A experiência do Grupo Interinstitucional Pró-Adoção de Uberaba (MG): Compartilhando saberes e práticas. In: F. Scorsolini-Comin; L. V. Souza; S. M. Barroso (ed.), *Práticas em Psicologia: Saúde, Família e Comunidade*. Uberaba, Editora da UFTM, p. 245-269.
- Jonhson, D. E. (2002). Adoption and the effect on children's development. *Early Human Development*, 68(1), 39-54.
- Jorge, J. A. (2015). “Temos a arte para não morrer perante a verdade” (ou simplesmente Luiza). *Winnicott E-prints*, 10(1), 1-8.
- Klein, M. (1981). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou (Original publicado em 1932).
- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4), 852-867.
- Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clinica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(1), 24-31.

- Levinzon, G. K. (2008). *A Criança Adotiva na Clínica Psicanalítica* (2ª ed.). São Paulo: Escuta.
- Levinzon, G. K. (2010). Recordar, repetir, elaborar e construir: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 155-164.
- Lira, A. N., Morais, N. A. de, & Boris, G. D. J. B. (2015). A homoparentalidade em cena: a vivência cotidiana de mulheres lésbicas com seus filhos. *Revista da SPAGESP*, 16(1), 74-91.
- Loparic, Z. (1999). A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. *Infanto – Revista neuropsicológica da infância e adolescência*, 7(1), 8-41.
- Machado, L. V., Ferreira, R. R., & Seron, P.C. (2015). Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1), 65-81.
- Magi, N. R. (2009). A criança em situação de adoção e a clínica psicanalítica: o registro identificatório e os recursos no processo de simbolização. *Estudos de Psicanálise*, 32, 141-146.
- Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativa em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2015). O lugar do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. *Psicologia Clínica*, 27(1), 175-194.
- Nardi, F. L., & Dell'aglio, D. D. (2012). Adolescente em conflito com a lei: percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-191.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012a). Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 55-63.

- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012b). Experiência da parentalidade adotiva na perspectiva de um casal com filhos biológicos. *Interamerican Journal of Psychology*, 46(2), 307-316.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia*, 30(1), 89-99.
- Peiter, C. (2011). *Adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva*. São Paulo: Zagodoni.
- Pereira, A. K., & Azambuja, M.R.F. (2015). História e legislação da adoção no Brasil. In: F. Scorsolini-Comin, A. K. Pereira, & M. L. T. Nunes (Orgs.), *Adoção: legislação, cenários e práticas* (pp. 17-27). São Paulo, Vetor.
- Piccoli, V. (2014). *A (in)efetividade da adoção monoparental no Brasil*. Monografia, Faculdade de Direito, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2002). Adoção: Fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. In: C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 89-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A. P., & Almeida, I. G. (2011). *O acolhimento institucional na perspectiva da criança*. São Paulo: Hucitec.
- Salmún, S. L. (2014). Las adopciones de un niño. *Cuestiones de Infancia*, 16: 46-57.
- Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3): 508-511.

- Santos, E. S. (2007). Winnicott e Heidegger: indicações para um estudo sobre a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana. *Natureza Humana*, 9(1), 29-49.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Homoparentalidade Masculina: Revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 572-582.
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293.
- Scorsolini-Comin, F. (2014). *Guia de orientação para iniciação científica*. São Paulo, Atlas.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Silva, M. L., & Arpini, D. M. (2013). A nova lei de adoção: Desafios para a reinserção familiar. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 125-135.
- Silva, M. S. A. N. (2012). Construindo vínculos: escuta psicanalítica para histórias de adoção. *Psicologia em Pediatria*, 48(9), 376-382.
- Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp. 435-454). London: Sage.
- Tardivo, L. S. P. C. (1997). Análise e Interpretação. In: W. Trinca (Org.), *Formas de investigação clínica em psicologia* (pp. 115-156). São Paulo: Vetor.
- Tardivo, L. S. L. P. C. (2011). O procedimento de desenhos-estórias (D-E) e seus derivados: fundamentação teórica, aplicações em clínica e pesquisa. In: A. E. Villemor-Amaral, & B. S. Werlang (Orgs.), *Atualizações em Métodos Projetivos para avaliação Psicológica* (pp. 287-304). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Telingator, C. J., & Patterson, C. (2008). Children and adolescents of lesbian and gay parents. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 47(12), 1364-1368.

- Trinca, A. M. T., & Becker, E. (1984). O pensamento clínico e a integração dos dados no diagnóstico psicológico. In: W. Trinca e colaboradores (Orgs.), *Diagnóstico psicológico: A prática clínica* (pp. 82-94). São Paulo: EPU.
- Trinca, W. (1984). *Diagnóstico psicológico: A prática clínica*. São Paulo: EPU.
- Trinca, W. (1997). Apresentação e Aplicação. In: W. Trinca (Org.), *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias* (pp. 11-34). São Paulo: Vetor.
- Vargas, M. M. (1998). *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Verceze, F. A., Silva, J. M., Oliveira, K. M., & Sei, M.B. (2015). Adoção e a psicoterapia familiar: uma compreensão winnicottiana. *Revista da SPAGESP*, 16(1), 92-106.
- Vitorello, M. A. (2011). Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato de amor? *Psicologia da Educação*, 32(1), 7-24.
- Walsh, F. (2016). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. In: F. Walsh (Org.), *Processos Normativos da Família* (pp. 3-27). Porto Alegre: Artmed.
- Weber, L. N. D. (1999). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba, Juruá.
- Weber, L. N. D. (2010). *Pais e filhos por adoção no Brasil*. Curitiba: Juruá.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1986).
- Winnicott, D. W. (1999). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes. (Original publicado em 1987).

- Winnicott, D. W. (2000). O apetite e os problemas emocionais. In: D. W. Winnicott (Org.), *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 91-111). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1936).
- Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D. W. Winnicott (Org.), *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (2008). Duas crianças adotadas. In: R. Sheperd, J. Johns, & H. T. Robinson (Orgs.), *D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças* (pp. 115-125). São Paulo, Artmed. (Original publicado em 1953).
- Winnicott, D. W. (2008). Armadilhas na adoção. In: R. Sheperd, J. Johns, & H. T. Robinson (Orgs.), *D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças* (pp. 126-130). São Paulo, Artmed. (Original publicado em 1954).
- Winnicott, D. W. (2008). A adolescência das crianças adotadas. In: R. Sheperd, J. Johns, & H. T. Robinson (Orgs.), *D. W. Winnicott: Pensando sobre crianças* (pp. 131-140). São Paulo, Artmed. (Original publicado em 1955).
- Yin, R. K. (1984). *Case study research: Design and methods*. London: Sage.
- Zornig, S. A., Levy, L. (2006). Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. *Estilos da Clínica, 11*(20), 28-37.

**APÊNDICES**



## **Apêndice A**

### **MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES COMO PARTICIPANTES DE PESQUISA**

**(Versão fevereiro/2016)**

**Título do Projeto: A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família**

---

---

#### **TERMO DE ESCLARECIMENTO**

A criança sob sua responsabilidade está sendo convidada a participar do estudo “A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família”, por ter vivenciado o processo adotivo. Os avanços na área das ciências ocorrem através de estudos como este, por isso a participação da criança é importante. O objetivo desse estudo é investigar a representação familiar de crianças adotadas em diferentes configurações familiares, além de conhecer o desenvolvimento emocional dessas crianças; e, caso a criança participe, serão realizados três encontros com ela em uma sala reservada no Centro de Estudo e Pesquisa em Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CEPPA-UFTM) ou na própria residência da criança participante desde que em um local reservado e livre de interferências externas, em dias e horários acordados previamente, nos quais serão realizadas atividades lúdicas e desenhos com a criança. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto físico ou risco à vida da criança; entretanto, caso sejam observados

quaisquer desconfortos ou angústia, os participantes serão acolhidos e, se necessário, receberão atendimento psicológico no próprio CEPPA pelo técnico responsável. Espera-se que os benefícios decorrentes da participação nesta pesquisa sejam a contribuição para reflexões que poderão alertar famílias, profissionais e a sociedade em geral sobre a relevância da criança abandonada ou retirada de sua família consanguínea ser adotada por uma família substituta, tendo a chance de desenvolver-se no seio desta, independente da forma como ela é composta; visando, assim, favorecer a continuidade do desenvolvimento da criança em uma família que a acolha e ofereça os cuidados necessários; além do que também será possível uma maior compreensão a respeito do desenvolvimento emocional dessas crianças e da forma como enxergam suas famílias, favorecendo a criação de estratégias que atenuem dificuldades, desgastes e prejuízos em seu desenvolvimento e que possam promover a qualidade de vida dos envolvidos.

Você e a criança sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; a criança poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação da criança no estudo, você nem a criança receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome da criança não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ela será identificada por um número seguida de uma letra.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família**

---



---

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual a criança sob minha responsabilidade será submetida. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu e a criança sob minha responsabilidade somos livres para interromper a participação dela na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que o nome da criança não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a participação da criança no estudo, desde que ela também concorde. Por isso ela assina junto comigo este Termo de Consentimento. Após assinatura, receberei uma via (não fotocópia) deste documento.

Uberaba, ...../...../.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de Identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura da criança (caso ele possa assinar)

\_\_\_\_\_  
Documento de Identidade (se possuir)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

**Telefones de contato de todos os pesquisadores:**  
Jéssika Rodrigues Alves: (34) 991928857  
Profª Drª Martha Franco Diniz Hueb: (34) 98840-0882

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3700-6776.

## **Apêndice B**

**MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
PARTICIPANTES MAIORES DE IDADE  
(Versão fevereiro/2016)**

**Título do Projeto: A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família**

---

---

### **TERMO DE ESCLARECIMENTO**

Você está sendo convidado a participar do estudo “A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família”, por ser pai ou mãe responsável por uma criança que vivenciou o processo adotivo. Os avanços na área das ciências ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar a representação familiar de crianças adotadas em diferentes configurações familiares, além de conhecer o desenvolvimento emocional dessas crianças; e caso você participe, será necessário que você conceda uma entrevista em salas reservadas do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CEPPA-UFTM) ou na sua própria residência desde que em um local reservado e livre de interferências externas, em data e horário acordados previamente. Essa entrevista poderá ser audiogravada, se você assim o permitir, para que não se perca nenhum detalhe do seu relato. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto físico ou risco à sua vida; entretanto, caso sejam observados quaisquer desconfortos ou angústia, os participantes serão acolhidos e, se necessário, receberão atendimento psicológico no próprio CEPPA pelo técnico

responsável. Espera-se que os benefícios decorrentes da participação nesta pesquisa sejam a contribuição para reflexões que poderão alertar famílias, profissionais e a sociedade em geral sobre a relevância da criança abandonada ou retirada de sua família consanguínea ser adotada por uma nova família, tendo a chance de desenvolver-se no seio desta, independente da forma como ela é composta; visando, assim, favorecer a continuidade do desenvolvimento da criança em uma família que a acolha e ofereça os cuidados necessários; além de que também será possível uma maior compreensão a respeito do desenvolvimento emocional dessas crianças e da forma como enxergam suas famílias, favorecendo a criação de estratégias que atenuem dificuldades, desgastes e prejuízos em seu desenvolvimento e que possam promover a qualidade de vida dos envolvidos.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **A representação familiar de crianças que vivenciaram o processo de adoção em diferentes configurações de família**

---



---

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo. Receberei uma via deste Termo.

Uberaba, ...../ ...../.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

**Telefones de contato de todos os pesquisadores:**  
Jéssika Rodrigues Alves: (34) 99192-8857  
Profª Drª Martha Franco Diniz Hueb: (34) 98840-0882

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone 3700-6776.

## Apêndice C

### Roteiro de Entrevista Semiestruturada para os pais

Dados do participante

Nome:

Idade:

Dados do filho(a) participante da pesquisa

Nome:

Idade:

- (1) Seu filho foi adotado com que idade?
- (2) Há quanto tempo seu filho convive com você? Há quanto tempo moram juntos?
- (3) Conte-me, com suas palavras, como foi passar pelo processo de adotar uma criança.
- (4) Fale um pouco sobre como seu filho(a) lidou com a adoção, a inserção na nova família. Conte sobre como foi essa adaptação.
- (5) Conte um pouco sobre a história do seu filho(a) desde antes da adoção até os dias atuais.
- (6) Com suas palavras e do modo que achar melhor, conte-me a história de sua vida, da decisão por adotar uma criança até hoje.
- (7) Fale sobre como era a relação com seu filho(a) quando você começaram a conviver e como é hoje, se houve mudanças.
- (8) Comente sobre as mudanças e alterações em sua vida com a adoção de seu filho(a).
- (9) Quais sentimentos você percebe em seu filho em relação à família de vocês?
- (10) Há alguma coisa que eu não tenha perguntado e que você gostaria de falar a respeito?

**ANEXOS**



## ANEXO A

Contextos Clínicos, 10(2):268-283, julho-dezembro 2017  
 Unisinos - doi: 10.4013/ctc.2017.102.11

## Desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo: revisão integrativa da literatura

Emotional development of adopted children: Integrative review of literature

Jéssika Rodrigues Alves, Martha Franco Diniz Hueb, Fabio Scorsolini-Comin

Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Av. Getúlio Guaritá, 159, Abadia, 38025-440, Uberaba, MG, Brasil. jessikaralves@yahoo.com.br, huebmartha@gmail.com, fabioscorsolini@gmail.com

---

**Resumo.** Este estudo de revisão integrativa teve por objetivo conhecer o que a literatura científica, ancorada na perspectiva winnicottiana, tem discutido sobre o desenvolvimento emocional da criança que vivenciou o processo de adoção. As buscas foram realizadas nas bases LILACS, PePSIC e SciELO, no período de 2006 a maio de 2016. Foram analisados, na íntegra, 16 artigos, a partir de critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. O perfil predominante é de estudos de casos e estudos teóricos que trazem atendimentos clínicos realizados com indivíduos em processo de adoção ou que vivenciaram o processo, e ligam aspectos da adoção aos conceitos da teoria winnicottiana. Os estudos apontam a importância das relações iniciais na vida de uma pessoa para seu desenvolvimento emocional, destacando a importância de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento emocional da criança, sendo que esse ambiente pode ser oferecido por uma família adotiva que a respeite, compreenda seus sentimentos e a necessidade de ela saber de sua história, e consiga oferecer um ambiente seguro e acolhedor. Destaca-se também a importância da preparação dos postulantes à adoção para receber um novo membro, assim como a importância da preparação da criança para adentrar uma nova família.

**Palavras-chave:** adoção, crianças, desenvolvimento emocional.

**Abstract.** This study of integrative review of scientific literature aimed to know what the scientific literature of the last ten years, anchored in the Winnicott's perspective, have discussed about the emotional development of the adopted child. The searches were carried out in LILACS, PePSIC and SciELO in the period from 2006 to 2016. Sixteen papers were analyzed in full, from the pre-established inclusion and exclusion criteria. The predominant profile is case studies and theoretical studies that bring clinical care performed with individuals in the adoption process or through the process, and linking aspects of adopting in the concepts of Winnicott's theory. The studies point to the importance of early relationships in the life of a person to their emotional development, it highlights the importance of a good enough environment for the emotional development of children, and this environment can be provided by a foster family that respects, understands their feelings and their need to know their history, and can provide a safe and welcoming environment. It also highlights the importance of preparation of candidates to adopt to receive a new member and the importance of preparing the child to enter a new family as well.

**Keywords:** adoption, children, emotional development.

---

## ANEXO B



Continuação do Parecer: 1.786.494

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, o colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, em reunião 21/10/2016.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFTM dá-se em decorrência do atendimento à Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, não implicando na qualidade científica do mesmo. Conforme prevê a legislação, são responsabilidades, indelegáveis e indeclináveis, do pesquisador responsável, dentre outras: comunicar o início da pesquisa ao CEP; elaborar e apresentar os relatórios parciais (semestralmente) e final. Para isso deverá ser utilizada a opção 'notificação' disponível na Plataforma Brasil.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_792413.pdf	26/09/2016 10:36:24		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProtocoloCEP.doc	26/09/2016 10:34:48	Jéssika Rodrigues Alves	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoCEPPA.pdf	26/09/2016 10:32:52	Jéssika Rodrigues Alves	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista.docx	26/09/2016 10:32:21	Jéssika Rodrigues Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_adultos.doc	26/09/2016 10:28:59	Jéssika Rodrigues Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_crianças.doc	26/09/2016 10:26:48	Jéssika Rodrigues Alves	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	26/09/2016 10:11:54	Jéssika Rodrigues Alves	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Endereço: Rua Madre Maria José, 122  
 Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100  
 UF: MG Município: UBERABA  
 Telefone: (34)3700-6776 E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

Página 06 de 07

Prof.ª Alessandra Cavalcanti de Albuquerque e Souza  
 Vice-Coordenadora do CEP da UFTM

*acav*



Continuação do Parecer: 1.786.494

Não

UBERABA, 21 de Outubro de 2016

*pl Alessandra*

Assinado por:  
Marly Aparecida Spadotto Balarin  
(Coordenador)

Prof.ª Alessandra Cavalcanti de Albuquerque e Souza  
Vice-Coordenadora do CEP da UFTM

Endereço: Rua Madre Maria José, 122  
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100  
UF: MG Município: UBERABA  
Telefone: (34)3700-6776 E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br